Relatório Síntese do Estudo de Impacte Ambiental - Anexos

Plano de Pormenor da UOPG 10 do PU da Meia Praia

maio de 2022

Volume V

Índice

Anexo I Contrato para planeamento com a CML para a elaboração do Plano de Pormenor . ofício da CML e minuta 4
Anexo II Termos de responsabilidade 21
Anexo III Alterações climáticas 25
Anexo IV Elenco florístico 28
Anexo V Elenco faunístico 45
Anexo VI - Emissão de poluentes atmosféricos no concelho de Lagos 60
Anexo VII Qualidade visual 61
Anexo VIII Processo analítico hierárquico 74
Anexo IX Património 81

Índice de figuras

Figura 1. Integridade estrutural das SUP 61
Figura 2. Uso do solo na AIV 63
Figura 3. Qualidade visual do uso do solo na AIV 64
Figura 4. Sobreposição de visibilidades a partir dos pontos notáveis de observação na AIV 66
Figura 5. Capacidade de apropriação visual na AIV 67
Figura 6. Qualidade visual do declive na AIV 68
Figura 7. Qualidade visual da exposição de encostas na AIV 69
Figura 8. Qualidade visual em função da proximidade ao oceano Atlântico na AIV 70
Figura 9. Qualidade visual em função da visibilidade da A22 na AIV 72
Figura 10. Qualidade visual em função da visibilidade da rede de alta tensão na AIV 73

Índice de quadros

Quadro 1. Séries de precipitação registadas no posto udográfico de Lagos 27
Quadro 2. Elenco Florístico 44
Quadro 3. Lista das espécies de Anfíbios inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos 46
Quadro 4. Lista das espécies de Répteis inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos. 48
Quadro 5. Lista das espécies de Aves inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos. 56
Quadro 6. Lista das espécies de mamíferos inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos . 59
Quadro 7. Matriz de comparações e cálculo do autovetor (Wi) ou vetor de prioridades 74
Quadro 8. Escala fundamental de comparações entre fatores 75
Quadro 9. Índice de consistência aleatória médio em função da ordem da matriz 77

Quadro 10. Matriz de comparações dos fatores em estudo 78
Quadro 11. Cálculo do índice e da razão de consistência. 78
Quadro 12. Matriz de comparação normalizada e autovetor normalizado dos fatores. 79
Quadro 13. Matriz de comparações dos fatores em estudo. 79
Quadro 14. Cálculo do índice e da razão de consistência. 80
Quadro 15. Matriz de comparação normalizada e autovetor normalizado dos fatores. 80

Anexo I Contrato para planeamento com a CML para a elaboração do Plano de Pormenor . ofício da CML e minuta

22 OUT. 2020

LAGOS dos Descobrimentos Câmara Municipal

Divisão de Urbanismo, Licenciamento e Fiscalização

Unidade Técnica de Planeamento e Desenvolvimento

Exmo. Senhor
Administrador de Guia – Soc. de Construções e Turismo, S.A.
Rua das Palmeiras, 247

2 750-005 Cascais

Sua Referência	Sua Comunicação de	Nossa Referência	
Requerimento Reg. n.º 30008 - 22/07	14/07/2020	Proc. UOPG 10-PUMP 2020/150.10.400/2	N.º **20676** **19/10/2020**

Assunto: **ELABORAÇÃO DE PLANO DE PORMENOR PARA A UOPG 10 DO PLANO DE URBANIZAÇÃO DA MEIA PRAIA – PROPOSTA DE CONTRATO PARA PLANEAMENTO**

Na resposta indique a n/ referência, bem como o n.º e a data deste ofício

Na sequência do requerimento acima referenciado, informo V. Ex.ª que a Câmara Municipal de Lagos, na sua reunião realizada em 07/10/2020, deliberou aprovar a proposta de contrato para planeamento para a elaboração do Plano de Pormenor em epígrafe, nos termos e efeitos conferidos no art.º 81.º do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, juntamente com a proposta de Termos de Referência para a elaboração do Plano, documentos cujas cópias se remetem em anexo ao presente ofício, para conhecimento.

Mais foi ainda deliberado submeter a proposta de contrato e a proposta de Termos de Referência a discussão pública, pelo período de 10 dias, nos termos do mencionado preceito legal, conjugado com o n.º 1 do art.º 89.º do referido Regime Jurídico.

Mais informo V. Ex.ª que esta decisão foi igualmente transmitida, nesta data, aos demais futuros outorgantes do contrato.

Com os melhores cumprimentos.

[1] Por subdelegação de competências,
O Coordenador da Unidade Técnica de Planeamento e Desenvolvimento, *rs*

Nuno Marques

15/10/2020
/PF

[1] Subdelegação de competências decorrente do Despacho do Sr. Chefe da Divisão de Urbanismo, Licenciamento e Fiscalização, de 18/02/2020, publicitado pelo Edital n.º 37/2020, de 20/02/2020.

Paços do Concelho Séc. XXI Praça de Mouzinho 8600-293 Lagos | T. 282 770 300 | F. 282 770 375 | expediente@cm-lagos.pt | www.cm-lagos.pt

CONTRATO DE PLANEAMENTO

Aos ____ dias do mês de ____ de _____, nesta cidade de Lagos e Edifício dos Paços do Concelho Século XXI, perante mim, Maria da Conceição Pacheco Centeno Santa Clara Gomes , Coordenadora da Unidade Técnico-Jurídica , e Oficial Público da Câmara Municipal de Lagos celebram o presente **Contrato de Planeamento** para a elaboração do projeto de **Plano de Pormenor para a Unidade Operativa de Planeamento número dez, doravante designada UOPG 10 do Plano de Urbanização da Meia Praia - PUMP.**

Como **PRIMEIRO OUTORGANTE**: **Hugo Miguel Marreiros Henrique Pereira,** divorciado, natural da freguesia de Nossa Senhora de Fátima, concelho de Lisboa, titular do cartão de cidadão número 10868460 1ZX7, válido até 08/02/2029, contribuinte fiscal número 215.216.326, com domicílio necessário no Edifício dos Paços do Concelho Séc. XXI, em Lagos, que outorga na qualidade de **Presidente da Câmara Municipal de Lagos** e em representação do **Município de Lagos**, pessoa coletiva de direito público número 505.170.876, cuja identidade e qualidade de poderes para este ato é do meu conhecimento pessoal.

Como **SEGUNDO OUTORGANTE**: **José Carlos Ferreira Pinto Coelho,** _____(estado civil), natural da freguesia de _____, concelho de _____, titular do cartão de cidadão número _____ ___, válido até __/__/____, com domicílio na Rua dos Coelhos, número 250, 2750-002 Cascais, contribuinte fiscal número 114.977.020, que outorga na qualidade de Presidente do Conselho de Administração da sociedade denominada **Guia – Sociedade de Construções e Turismo, S.A.,** com o número de identificação fiscal de pessoa coletiva e de matrícula 500.646.210 da Conservatória do Registo Comercial de Cascais, com sede na Rua das Palmeiras, número 247, 2750-005 Cascais, Quinta da Marinha, com o capital social de três milhões, duzentos e cinquenta mil euros, o que verifiquei por consulta da certidão

permanente com o número 6041-1026-5575, doravante designada por "**Guia**";_____

Como **TERCEIRO OUTORGANTE: Américo Vermelho Rodrigues**, _____(estado civil), natural da freguesia de _____, concelho de _____, titular do cartão de cidadão número _____ ___, válido até __/__/_____, com domicílio profissional na sede da sociedade sua representada, contribuinte fiscal número 109.554.990, que outorga na qualidade de Presidente do Conselho de Administração da sociedade denominada **Miralagos – Sociedade de Construções, S.A.,** com o número de identificação fiscal de pessoa coletiva e de matrícula 501.891.684 da Conservatória do Registo Comercial de Lagos, com sede na Rua Dr. Francisco Sá Carneiro, lote 22, Loja C, 8600-581 Lagos, com o capital social de cinco milhões de euros, o que verifiquei por consulta da certidão permanente com o número 3772-7543-6253, doravante designada por "**Miralagos**";_____

Como **QUARTO OUTORGANTE:** _____

a) Maria Rita Gamboa de Matos Penaforte, viúva, natural da freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, titular do cartão de cidadão número 00371882 _____, válido até 21/10/2020, residente na Rua Francisco Metrass, número 26, 1.º Esquerdo, 1350-143 Lisboa, contribuinte fiscal número 160.716.942;_____

b) José Manuel de Matos Penaforte, divorciado, natural da freguesia de _____, concelho de _____, titular do cartão de cidadão número 02043402 _____, válido até 01/12/2021, residente na Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés, número 68, 4.º direito, 1495-023 Algés, contribuinte fiscal número 160.716.950;_____

c) António José de Matos Penaforte, divorciado, natural da freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, titular do cartão de cidadão número 04872438 ___, válido até 17/11/2021, residente na Rua 25 de Novembro de 1975, número 2, 10.º C, 1495-156 Algés, contribuinte fiscal número 160.716.969;_____

d) Francisco José de Matos Penaforte, solteiro, maior, natural da freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, titular do cartão de cidadão número 05510439 ___, válido até 26/07/2029, residente na Rua Francisco Duarte Pedroso, número 7B, 2.º esquerdo, 1495-062 Algés, contribuinte fiscal número 158.547.411, que outorgam na qualidade de **Herdeiros e em representação da Herança indivisa de Raimundo Martins Penaforte,** com o número de identificação fiscal 742.511.014 e domiciliada na Rua Francisco Metrass, número 26, 1.º esquerdo, 1350-143 Lisboa, conforme a escritura de habilitação de herdeiros.

Reconheço a identidade, a qualidade e suficiência de poderes do primeiro outorgante por ser do meu conhecimento pessoal.

Verifiquei a identidade dos segundo e terceiro outorgantes pela exibição dos respetivos cartões de cidadão, a qualidade e suficiência de poderes invocados pelas suprarreferidas certidões permanentes, que me foram igualmente exibidas. E a identidade dos representantes do quarto outorgante pela exibição dos respetivos cartões de cidadão e habilitação de herdeiros, que me foram também exibidos.

CONSIDERANDO QUE,

1 – O Plano de Urbanização da Meia Praia, ratificado pela Resolução do Concelho de Ministros n.º 125/2007, de 28 de agosto ("PUMP"), delimita, para efeitos da respetiva programação e execução, várias unidades operativas de planeamento e gestão, entre as quais se encontra a Unidade Operativa de Planeamento e Gestão n.º 10 ("UOPG10").

2 – O PUMP estabelece que a UOPG10 será executada através da elaboração de um Plano Pormenor ou, em alternativa, através de operação de loteamento, na modalidade de reparcelamento, no âmbito do sistema de cooperação, nos termos dos artigos 71.º e seguintes e 85.º do Regulamento do PUMP.

3 – Nos termos do artigo 150.º do RJIGT (Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão

Territorial), na sua versão atual, no sistema de cooperação, a iniciativa de execução do plano pertence ao Município, com a cooperação dos particulares interessados, atuando coordenadamente, de acordo com a programação estabelecida pela Câmara Municipal e nos termos do adequado instrumento contratual.

4 – A programação estabelecida pela Câmara Municipal de Lagos ("Câmara Municipal") integra a UOPG10 na primeira fase de execução do PUMP, sendo a respetiva concretização prioritária e conducente a uma maior flexibilidade do processo de execução do PUMP.

5 – A Câmara Municipal é a entidade competente para a elaboração do Plano de Pormenor com Efeitos Registais da UOPG10 ("PPUOPG10").

6 – O território abrangido pelo projeto de Plano de Pormenor da UOPG10, tem cerca de ___ e é limitado a sul pela __, a poente pela ___, a norte pelo ___ e a nascente pela ___.

7 – A área de intervenção do PPUOPG10 abrange as seguintes parcelas, com uma área total de 149.362 m², correspondente a sessenta vírgula setenta e sete por cento da área total da UOPG10, de que os Proprietários Outorgantes deste Contrato de Planeamento são legítimos proprietários e possuidores:

a) A **Guia** é proprietária da parcela 10.17, com área de 36.970 m², que é parte integrante do prédio rústico sito em Abertas ou Noras, da freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lagos, sob o número 1538, com área total de 37.200 m², inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 7 da secção AA da referida freguesia, conforme certidão permanente com o código de acesso PP-1961-52976-080706-001538;

b) A **Miralagos** é proprietária da parcela 10.04, com área de 16.286 m², que é parte integrante do prédio rústico sito em Maranhão, da freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lagos, sob o número 2005, com área total de 96.680 m², inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 42 ARV da secção AA da

referida freguesia, conforme certidão permanente com o código de acesso PP-2011-19234-080704-002005;

c) A **Herança de Raimundo Martins Penaforte** é proprietária da parcela 10.01, com área de 94.773 m², que é parte integrante do prédio rústico sito em Moirato, da freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lagos, sob o número 2685, com área total de 113.589 m², inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 44 ARV da secção AA da referida freguesia, conforme certidão permanente com o código de acesso PP-2010-05000-080704-002685;

d) A **Herança de Raimundo Martins Penaforte** é proprietária da parcela 10.07, com área de 1.332 m², que é parte integrante do prédio rústico sito em Noras, da freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lagos, sob o número 235, com área total de 4.080 m², inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 12 ARV da secção AA da referida freguesia, conforme certidão permanente com o código de acesso PP-2010-04992-080704-000235.

8 – O estatuto urbanístico das Parcelas é o resultante do PUMP, que as integra no âmbito da UOPG10, para efeitos da respetiva programação e execução.

9 – Segundo o PUMP, as parcelas encontram-se localizadas essencialmente em solo urbano, mais concretamente em "zonas cuja urbanização é possível programar/zonas habitacionais propostas", onde se prevê a implantação de moradias isoladas em lotes de grande dimensão.

10 – O PUMP determina que nas zonas habitacionais propostas aplicam-se os seguintes parâmetros e condicionamentos:

a) Índice bruto de construção máximo – 0,11;

b) Densidade habitacional máxima – Três fogos/ha;

c) Cércea máxima – 4 m;

d) Número máximo de pisos – Um;

e) Índice de impermeabilização do solo máximo – 0,2;

f) Afastamento mínimo das construções aos limites do lote – 10 m;

g) Dimensão mínima de lote – 3.000 m²;

h) Área mínima arborizada – 50% da área do lote;

i) As vedações que delimitam os lotes deverão ser realizadas em rede dissimulada por espécies vegetais;

j) Os muros construídos na proximidade da edificação terão altura igual ou inferior a um metro.

11 – A área de intervenção do PPUOPG10 inclui ainda uma zona integrada em "áreas verdes privadas de proteção e enquadramento", sendo tais áreas parte integrante dos lotes ou parcelas destinados à construção, devendo as mesmas ser objeto de projeto de paisagismo.

12 – Nas "áreas verdes privadas de proteção e enquadramento" aplicam-se os condicionamentos estabelecidos no PUMP, nomeadamente nos artigos 29.º e 30.º do respetivo Regulamento.

13 – Para o cálculo dos mecanismos de perequação/compensação será considerado na UOPG10 o uso relativo às zonas cuja urbanização é possível programar/zonas habitacionais propostas, previsto na Planta de Zoneamento do PUMP (ou seja, o uso habitacional).

14 – Os Proprietários Outorgantes têm interesse em desenvolver nas respetivas parcelas projetos urbanísticos para uso habitacional, de elevada qualidade arquitetónica e ambiental, com correspondência com as preocupações urbanísticas e ambientais do Município, que pretendem promover no mercado imobiliário internacional, com o objetivo de captar investimento estrangeiro.

15 – O Município envidará os seus melhores esforços no sentido de concretizar os conceitos/definições e os parâmetros urbanísticos previstos no PUMP nos projetos a

implementar na Meia Praia.

16 – Tal como expressamente consagrado no PUMP, é entendimento da Câmara Municipal que o interesse público impõe que as operações urbanísticas nas Parcelas devem ser precedidas da elaboração e aprovação de instrumento à escala de desenho urbano que designadamente promova a articulação com a envolvente e uma mais rigorosa inserção urbanística e ambiental das futuras ocupações.

17 – O interesse público das intervenções que se pretendem levar a efeito tem como objetivo fundamental um prévio enquadramento planificatório que concretize a política de ordenamento do território e de urbanismo do Município, fornecendo o quadro de referência para a aplicação das políticas urbanas e definindo a estrutura urbana, o regime de uso do solo e os critérios de transformação do território, bem como a correta infraestruturação do território.

18 – Os Proprietários Outorgantes deste Contrato de Planeamento apresentam legitimidade para tomar a iniciativa de execução da UOPG10, que se configura de execução prioritária.

19 – A todos os Proprietários de terrenos integrados na UOPG10, incluindo aqueles que não outorgam o presente Contrato, são reconhecidos os direitos de informação e participação e, ainda, a faculdade que lhes é conferida pela lei de, a qualquer momento, formularem sugestões e pedidos de esclarecimento ao longo do procedimento de elaboração dos instrumentos de gestão territorial, nos termos do disposto nos artigos 5.º, 6.º, 88.º e 89.º do RJIGT.

20 – A Câmara Municipal pretende assim elaborar para a zona delimitada no Anexo I ao presente Contrato, e que dele faz parte integrante, um Plano Pormenor com Efeitos Registais que desenvolva e concretize os objetivos do PUMP e da respetiva UOPG10.

21 – Os objetivos supra referenciados e opções estratégicas integram os termos de referência que figuram no Anexo II ao presente Contrato, e que dele fazem parte integrante.

22 – A Câmara Municipal, na sua reunião de ___, deliberou _____, referente à elaboração do projeto de Plano Pormenor para a UOPG10 do PUMP._____

23 – As Partes acordam de boa-fé e reciprocamente aceitam o presente contrato, ao abrigo do disposto no artigo 278.º do Código dos Contratos Públicos e nos artigos 79.º e 80.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, tendo a deliberação de início de procedimento de contratação e correspondente publicação sido efetuadas, em conformidade com o disposto no artigo 81.º do mesmo diploma._____

É mutuamente aceite e reciprocamente acordado, ao abrigo do artigo 278.º do Código dos Contratos Públicos e do artigo 81.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de Maio, o presente contrato de planeamento que se fica a reger pelo clausulado seguinte: _____

CLÁUSULA 1.ª - OBJETO DO CONTRATO

1 – O presente contrato tem por objeto a definição dos direitos e das obrigações recíprocas que os Outorgantes assumem, tendo em vista a elaboração do projeto de Plano de Pormenor com Efeitos Registais para a UOPG 10 do Plano de Urbanização da Meia Praia (UOPG10 – PUMP), ratificado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 125/2007, de 28 de agosto._____

2 – O âmbito territorial do projeto de Plano de Pormenor encontra-se devidamente identificado na área assinalada em planta anexa a este contrato que dele faz parte integrante (Anexo I), sendo a área total de intervenção do plano de 245.782 m^2._____

CLÁUSULA 2.ª - OBRIGAÇÕES DA PRIMEIRA OUTORGANTE

1 – O projeto de Plano de Pormenor, a elaborar nos termos do presente contrato, é propriedade do Município, sendo de sua responsabilidade a elaboração do mesmo de acordo com os termos de referência por si definidos e aprovados, que constam do Anexo II ao presente contrato e que dele fazem parte integrante._____

2 – O Município compromete-se a levar a cabo, de forma célere e nos prazos legalmente previstos, todos os passos procedimentais da sua responsabilidade na elaboração do Plano de Pormenor.

3 – A parceria que o presente contrato estabelece em nada afeta o reconhecimento de que a função de planeamento é pública e compete, nos termos da lei, ao Município, única entidade com competência para a concreta determinação do conteúdo material do Plano de Pormenor, sem prejuízo da consideração e ponderação dos interesses e legítimas expectativas dos Proprietários Outorgantes e da Proposta de Plano de Pormenor.

CLÁUSULA 3.ª - OBRIGAÇÕES DO SEGUNDO OUTORGANTE

1 – Sem prejuízo da condução pelo Município de Lagos do procedimento de elaboração do Plano de Pormenor, os Proprietários Outorgantes do presente contrato assumem a responsabilidade da elaboração e apresentação junto do Município de um projeto de Plano de Pormenor com Efeitos Registais para a UOPG 10, em observância dos termos de referência aprovados para o efeito pelo Município que constam do Anexo II, suportando todos os custos necessários para esse efeito.

2 – O financiamento do Plano de Pormenor supramencionado inclui as despesas inerentes à respetiva publicitação nos termos dos artigos 81º, 89º e 92º do Decreto-Lei nº 80/2015, de 14 de maio, bem como os custos com a contratação da equipa técnica multidisciplinar que vier a ser selecionada para a elaboração do projeto de Plano Pormenor e os encargos com a realização de estudos e projetos e com a contratação de serviços jurídicos neste âmbito.

3 – A assunção de responsabilidades pela elaboração, pelos Proprietários Outorgantes, do projeto de Plano de Pormenor não lhes confere o direito a qualquer remuneração.

4 – Os montantes despendidos pelos Proprietários Outorgantes devem ser tratados como uma antecipação das comparticipações de que os Proprietários Outorgantes venham a ser

devedores em sede de perequação compensatória do Plano de Pormenor da UOPG 10, sendo descontados ou pagos na liquidação de tais comparticipações.

5 – Os montantes despendidos pelos Proprietários Outorgantes com a elaboração do projeto de Plano de Pormenor deverão ser justificados e previamente aceites pelo Município, através da Câmara Municipal, e deverão ser razoáveis e corresponder a valores de mercado dos honorários de uma equipa técnica multidisciplinar qualificada para a execução de um trabalho de complexidade e duração semelhantes ao da Proposta, com todas as valências técnicas legalmente necessárias para o efeito.

6 – Se assim o entenderem, as Partes poderão, previamente à entrada em vigor do Plano de Pormenor, através de documento simples assinado por todas, fixar por comum acordo o montante máximo a considerar para efeitos dos números 4 e 5 antecedentes, caso em que os Proprietários Outorgantes poderão contratar os encargos que entenderem, por sua conta, sem necessidade de justificação nem de prévia aceitação dos mesmos pelo Município.

7 – Os Proprietários Outorgantes comprometem-se a assegurar que a composição da equipa técnica multidisciplinar selecionada para a elaboração do projeto de Plano Pormenor observa as normas legais e regulamentares aplicáveis, bem como a submeter previamente a composição da mesma equipa (ou eventuais alterações à mesma) à aprovação do Município, comprometendo-se, por seu turno, o Município a emitir tal aprovação, por escrito, dentro de um prazo razoável.

8 – No âmbito da elaboração do Plano Pormenor e nos termos do disposto do artigo 1.º, n.º 3 do Decreto-Lei n.º 151-B/2013, de 31 de outubro, cabe aos Proprietários Outorgantes, promover e custear a realização da Avaliação de Impacte Ambiental.

CLÁUSULA 4.ª - EQUIPA TÉCNICA E EQUIPA DE TRABALHO

1 – A equipa técnica a selecionar para a elaboração do projeto de Plano de Pormenor responderá exclusivamente perante o Município.

2 – A equipa técnica multidisciplinar que vier a desenvolver o projeto de plano de pormenor cederá à Câmara Municipal de Lagos todos os direitos de propriedade intelectual respeitantes ao trabalho realizado no âmbito da sua elaboração, devendo entregar toda a informação que serviu de base à Proposta, bem como todos os documentos originais e ficheiros informáticos em formato editável com eles relacionados.

3 – A equipa técnica fica autorizada a prestar todas as informações relevantes e necessárias para que os Proprietários Outorgantes fiquem ao corrente da evolução dos trabalhos da proposta do Plano de Pormenor.

CLÁUSULA 5.ª – PEREQUAÇÃO COMPENSATÓRIA

As Partes acordam que o projeto do Plano de Pormenor estabelecerá os mecanismos de perequação compensatória adequados a assegurar a justa repartição dos benefícios e encargos e a redistribuição das mais-valias fundiárias no âmbito da UOPG10, observando o estipulado na lei e nos regulamentos aplicáveis.

CLÁUSULA 6.ª – RESERVA DE EXERCÍCIO DE PODERES PÚBLICOS

1 – A parceria que o presente Contrato para Planeamento estabelece em nada afeta o reconhecimento de que a função de planeamento territorial é pública e compete, nos termos da Lei, à Câmara Municipal de Lagos, única entidade competente para a concreta determinação do PPUOPG10, sem prejuízo da consideração e ponderação dos interesses e legítimas expetativas dos Proprietários Outorgantes.

2 – A Câmara Municipal de Lagos reserva-se a possibilidade inderrogável de exercer os seus poderes de planeamento na conformação do conteúdo do PPUOPG10, nomeadamente na determinação das opções e de ocupação e uso do solo suscetíveis de concretização.

3 – Em circunstância alguma o conteúdo do presente contrato impede ou condiciona o cumprimento da Lei, designadamente no que respeita ao procedimento de elaboração e de aprovação do PPUOPG10, à participação de todos os interessados e ao exercício de competências legais por parte de outras entidades.

CLÁUSULA 7.ª – CONDIÇÃO

O disposto no presente contrato não constitui nem substitui o PPUOPG10, apenas adquirindo eficácia na medida em que vier a ser neste incorporado e que este, por sua vez, seja definitivamente aprovado pela Assembleia Municipal de Lagos e publicado nos termos da Lei.

CLÁUSULA 8.ª - INÍCIO E TERMO DE VIGÊNCIA

1 – O período de vigência deste contrato decorre desde a data da sua assinatura até ao momento da entrada em vigor do Plano de Pormenor, após a respetiva aprovação pela Assembleia Municipal de Lagos e subsequente publicação no Diário da República.

2 – O contrato cessará caso, por razões de força maior ou alheias à vontade dos representados dos Outorgantes, se torne impossível ou, por mora excessiva não imputável às Partes, se torne objetivamente desinteressante para qualquer uma delas o cumprimento das obrigações recíprocas nele estipuladas ou se torne impossível a conclusão e aprovação do PPUOPG10 dentro do prazo limite estabelecido no artigo 199.º, n.º 2 do RJIGT (ou noutra disposição que venha a regular esta matéria) para a inclusão em plano municipal de ordenamento do território das novas regras de classificação e qualificação do uso do solo previstas naquele diploma.

3 – Em caso de cessação nos termos do número anterior, não haverá lugar ao pagamento de qualquer indemnização entre as Partes, o mesmo se verificando quando o incumprimento seja fundado em razões objetivas de interesse público não ponderadas antecipadamente.

CLÁUSULA 9.ª - ALTERAÇÕES E ADITAMENTOS

Todos os aditamentos e alterações ao presente contrato serão concretizados por escrito, só sendo válidos se aprovados pela Câmara Municipal de Lagos e assinados por todas as Partes, com expressa indicação das cláusulas aditadas, modificadas ou suprimidas._____

CLÁUSULA 10.ª - NOTIFICAÇÕES E COMUNICAÇÕES ENTRE AS PARTES

Todas as notificações ou outras comunicações no âmbito do presente contrato, bem como outros assuntos entre as partes, deverão ser efetuadas por escrito, a enviar para os seguintes endereços postal ou eletrónico:_____

Município de Lagos: A/C: Presidente da Câmara Municipal de Lagos - Paços do Concelho Séc. XXI - Praça do Município - 8600-293 Lagos - Fax: 282 771 775 - Email: expediente.geral@cm-lagos.pt_____

Representada pelo Segundo Outorgante:_____

Representada pelo Terceiro Outorgante:_____

Quarto Outorgante:_____

CLÁUSULA 11.ª - BOA-FÉ

Todos os outorgantes, na qualidade em que intervêm, de boa-fé aceitam o presente contrato nos seus precisos termos, comprometendo-se a cumprir as suas cláusulas bem como a cooperar entre si, tendo em vista o cumprimento célere e pacífico das obrigações assumidas, nomeadamente através do exercício do dever de informação mútua._____

Arquivo:

- Anexo I - Planta com a área de intervenção do projeto de Plano de Pormenor._____
- Anexo II - Termos de referência para a elaboração do projeto de Plano de Pormenor._____
- Certidão permanente com o código de acesso _____, relativa à Guia ..., certidão de registo predial com o código de acesso __ e caderneta predial, relativa ao prédio de que esta é Proprietária._____

– Certidão permanente com o código de acesso _____, relativa à Miralagos ..., certidão de registo predial com o código de acesso __ e caderneta predial, relativa ao prédio de que esta é Proprietária._____

– Certidão permanente com o código de acesso _____, relativa à Herança Indivisa de Raimundo Penaforte ..., certidões de registo predial com os códigos de acesso __ e ___ e cadernetas prediais, relativas aos prédios de que esta é Proprietária._____

– Certidão da Deliberação da Câmara Municipal de ___._____

Este contrato foi lido aos outorgantes e aos mesmos explicado o seu conteúdo, na presença simultânea de todos.

- Pelo Primeiro Outorgante:_____

- Pelo Segundo Outorgante:_____

- Pelo Terceiro Outorgante:_____

- Pelo Quarto Outorgante:_____

a)

b)

c)

Anexo II Termos de responsabilidade

- Termo de responsabilidade: Folha da Carta de Solos n.º 603
- Termo de responsabilidade: Folha da Carta de Capacidade de Uso do Solo n.º 603

TERMO DE RESPONSABILIDADE - Nº 33 - 2021

A Geotraço - **Urbanismo, Arquitetura e Reabilitação, Lda.**, com o **Nif: 513901647**, declara sob compromisso de honra, utilizar a informação em formato digital (Shp), relativa à folha da **Carta de Solos n.º 603**, propriedade da DGADR, exclusivamente para o desenvolvimento de acções decorrentes da sua área de intervenção.

Mais se compromete a não transmitir esta informação a terceiros, entidades públicas ou privadas, e na eventualidade da sua cedência, de solicitar a devida autorização a esta Direcção Geral.

Esta informação está protegida pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, ficando a **Geotraço - Urbanismo, Arquitetura e Reabilitação, Lda.**, sujeita aos procedimentos civis e criminais, caso não cumpra as obrigações previstas.

22 de Março de 2021

O Responsável,

Assinado por: **MÓNICA ALEXANDRA MARTINEZ E SILVA MARQUES**
Num. de identificação: BI110236300
Data: 2021.03.27 11:02:12+00'00'

CARTÃO DE CIDADÃO

(Mónica Martinez Marques)

TERMO DE RESPONSABILIDADE - Nº 59 - 2021

A Geotraço - Urbanismo, Arquitetura e Reabilitação, Lda., com o Nif: 513901647, declara sob compromisso de honra, utilizar a informação em formato digital (Shp), relativa à folha da Carta de Capacidade do Uso do Solo n.º 603, propriedade da DGADR, exclusivamente para o desenvolvimento de acções decorrentes da sua área de intervenção.

Mais se compromete a não transmitir esta informação a terceiros, entidades públicas ou privadas, e na eventualidade da sua cedência, de solicitar a devida autorização a esta Direcção Geral.

Esta informação está protegida pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, ficando a Geotraço - Urbanismo, Arquitetura e Reabilitação, Lda., sujeita aos procedimentos civis e criminais, caso não cumpra as obrigações previstas.

12 de Maio de 2021

O Responsável,

Assinado por: **MÓNICA ALEXANDRA MARTINEZ E SILVA MARQUES**
Num. de Identificação: BI110236300
Data: 2021.05.12 15:02:36+01'00'

CARTÃO DE CIDADÃO

(Mónica Martinez e Silva Marques)

Anexo III Alterações climáticas

Ano		Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Anual
1902	**03**	86,9	115,0	38,2	40,6	19,0	42,0	60,8	24,8	37,2	0,0	0,0	73,6	**538,1**
1903	**04**	44,0	44,0	95,4	65,4	38,8	78,0	0,0	8,0	5,8	0,0	0,0	41,3	**420,7**
1904	**05**	9,8	103,6	96,0	69,6	19,2	9,2	26,7	27,4	19,6	0,0	0,0	11,1	**392,2**
1905	**06**	95,0	119,2	75,2	18,2	21,7	93,9	19,8	51,3	0,0	0,0	0,0	8,0	**502,3**
1906	**07**	30,0	60,7	10,2	33,4	24,0	0,0	21,0	57,3	0,0	0,0	0,0	72,5	**309,1**
1907	**08**	46,8	174,8	178,7	64,4	8,0	19,7	20,6	17,0	43,2	0,0	0,0	0,0	**573,2**
1908	**09**	45,0	144,5	41,8	127,2	34,4	114,9	8,6	22,1	10,0	0,0	0,0	25,0	**573,5**
1909	**10**	22,2	126,4	76,2	33,3	16,3	52,3	19,2	52,0	4,6	0,0	0,0	12,0	**414,5**
1910	**11**	81,2	17,3	260,6	20,8	60,4	97,1	61,3	33,8	37,1	0,4	21,8	0,0	**691,8**
1911	**12**	80,3	71,6	47,6	140,0	211,8	20,1	27,1	7,2	2,7	0,2	0,0	7,0	**615,6**
1912	**13**	61,8	9,1	50,4	67,9	15,9	66,9	34,4	1,5	0,0	0,0	5,8	20,8	**334,5**
1913	**14**	172,3	53,2	63,2	66,8	120,6	10,7	14,0	1,0	2,1	2,9	0,0	0,0	**506,8**
1914	**15**	38,2	135,1	154,2	127,1	56,7	114,7	1,8	40,1	0,7	0,2	0,0	0,4	**669,2**
1915	**16**	48,8	113,7	68,7	21,4	96,5	138,5	9,4	28,2	2,2	0,0	0,0	17,0	**544,4**
1916	**17**	12,3	109,5	126,8	161,7	99,9	58,6	24,4	33,3	0,9	0,0	0,0	0,0	**627,4**
1917	**18**	3,4	0,0	77,0	293,0	10,6	53,6	72,2	9,5	0,0	0,0	0,0	5,2	**524,5**
1918	**19**	1,5	55,0	33,1	47,0	82,0	27,7	46,7	9,8	9,1	0,2	0,0	25,8	**337,9**
1919	**20**	60,4	112,2	50,8	27,0	95,2	47,6	45,1	47,6	7,2	0,0	0,0	3,2	**496,3**
1920	**21**	43,9	88,5	80,5	14,5	151,4	38,2	11,0	7,5	8,2	3,8	0,0	24,9	**472,4**
1921	**22**	47,6	102,1	61,6	59,3	54,0	40,9	13,0	2,8	0,7	0,0	0,0	1,5	**383,5**
1922	**23**	137,1	11,4	94,3	4,2	47,2	44,0	130,2	2,8	15,7	0,0	0,0	5,0	**491,9**
1923	**24**	13,3	128,4	1,1	85,9	106,1	207,2	49,3	15,9	0,0	0,0	0,0	15,4	**622,6**
1924	**25**	17,9	64,7	64,6	25,3	0,0	39,9	20,0	11,1	2,0	1,3	0,0	0,3	**247,1**
1925	**26**	76,4	155,4	155,2	43,8	171,2	62,5	23,5	16,8	0,2	0,1	0,0	0,0	**705,1**
1929	**30**	29,6	97,6	48,0	96,0	82,0	52,0	88,0	18,0	16,0	5,0	0,0	0,0	**532,2**
1930	**31**	23,4	49,2	61,4	21,4	9,6	100,5	28,4	18,8	5,6	0,0	2,0	22,8	**343,1**
1931	**32**	98,6	42,2	0,0	143,2	114,0	99,8	26,4	31,0	13,7	0,0	1,4	38,4	**608,7**
1932	**33**	18,8	103,6	134,4	67,0	23,8	39,0	1,8	14,9	8,0	0,0	0,0	0,0	**411,3**
1933	**34**	43,8	70,0	82,2	6,8	4,4	73,9	77,6	2,0	2,2	0,0	0,0	0,0	**362,9**
1934	**35**	0,0	114,8	109,1	0,8	23,3	21,2	8,4	30,0	1,4	0,0	0,0	0,0	**309,0**
1935	**36**	6,0	46,1	49,8	116,6	132,5	116,2	54,9	37,2	7,2	0,4	0,0	0,0	**566,9**
1936	**37**	30,2	53,8	35,0	128,7	21,2	87,4	14,0	3,7	6,0	0,0	0,0	5,2	**385,2**

1937	**38**	74,0	66,6	58,5	25,2	34,3	21,8	46,4	46,8	0,0	0,0	0,0	30,4	**404,0**
1938	**39**	3,0	22,6	98,0	84,6	36,6	44,0	22,6	6,7	9,4	0,2	0,0	50,6	**378,3**
1939	**40**	89,0	63,4	120,7	88,8	92,8	81,0	19,1	48,0	9,4	0,0	1,2	9,8	**623,2**
1940	**41**	65,8	43,0	5,0	182,6	127,4	44,2	100,2	7,0	2,8	1,4	0,0	0,0	**579,4**
1941	**42**	43,6	135,0	33,4	60,2	28,8	71,6	100,7	19,1	7,2	0,0	0,0	33,9	**533,5**
1942	**43**	107,2	79,9	86,6	38,7	19,0	109,6	32,4	3,4	0,0	35,4	0,0	39,4	**551,6**
1943	**44**	36,1	4,5	45,8	2,4	36,2	58,2	25,8	1,8	17,0	0,4	0,0	12,0	**240,2**
1944	**45**	13,2	65,8	28,1	31,4	0,0	15,3	8,6	1,8	0,0	0,0	0,2	0,0	**164,4**
1945	**46**	50,4	173,6	54,9	44,2	19,0	54,2	62,6	128,1	0,4	0,0	0,8	4,2	**592,4**
1946	**47**	29,9	44,8	28,0	95,6	190,1	179,9	13,4	24,6	0,0	0,0	0,0	48,0	**654,3**
1947	**48**	31,6	52,8	50,5	138,7	90,6	15,0	64,2	92,8	1,4	0,0	0,0	0,0	**537,6**
1948	**49**	49,7	10,3	140,0	24,4	7,8	23,9	27,6	0,0	0,0	0,0	0,2	49,9	**333,8**
1949	**50**	0,0	161,4	116,3	64,1	24,3	12,3	11,1	65,0	6,4	0,6	0,0	11,0	**472,5**
1950	**51**	28,7	41,0	111,5	82,8	71,7	84,3	10,2	18,9	1,6	0,3	0,0	36,2	**487,2**
1951	**52**	14,8	124,5	96,0	36,9	31,9	132,7	36,4	39,9	48,8	0,0	68,8	12,5	**643,2**
1956	**57**	67,7	34,2	28,3	21,9	51,7	71,1	62,9	32,5	9,5	6,9	0,0	3,1	**389,8**
1957	**58**	64,4	80,9	63,0	130,8	32,6	81,9	39,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	**493,3**
1958	**59**	28,9	29,3	328,3	63,7	83,1	149,5	30,9	81,3	0,0	0,0	0,0	6,8	**801,8**
1959	**60**	36,6	109,4	84,5	83,5	155,5	156,8	29,3	50,9	0,0	0,0	0,6	6,6	**713,7**
1960	**61**	149,6	60,8	49,6	54,7	8,5	90,0	68,0	78,5	2,6	0,0	0,0	3,2	**565,5**
1961	**62**	57,0	187,2	85,6	121,2	18,9	128,4	21,8	23,0	15,6	0,0	0,0	6,4	**665,1**
1962	**63**	101,2	98,8	225,7	214,5	137,6	43,0	67,4	44,6	19,2	0,0	0,0	5,6	**957,6**
1963	**64**	13,3	93,6	271,0	108,2	115,1	90,2	24,1	14,9	13,1	0,0	0,0	30,4	**773,9**
1964	**65**	4,8	100,0	51,9	72,8	58,3	98,7	8,4	2,4	14,2	0,0	0,0	63,0	**474,5**
1965	**66**	188,6	83,9	30,7	112,9	103,6	3,7	49,3	0,0	17,8	0,0	2,0	5,1	**597,6**
1966	**67**	60,6	35,6	24,3	60,3	76,5	25,6	16,2	24,1	6,2	0,0	0,0	2,3	**331,7**
1967	**68**	146,9	108,1	14,5	0,8	144,7	91,4	9,6	10,2	2,1	0,0	11,5	2,5	**542,3**
1968	**69**	27,6	211,9	138,0	91,8	266,7	106,1	6,1	32,7	18,5	0,0	0,0	21,3	**920,7**
1969	**70**	149,5	136,7	44,9	305,5	10,1	66,9	26,7	31,8	48,8	0,0	0,0	0,0	**820,9**
1970	**71**	53,1	20,9	62,8	175,5	46,5	52,5	110,9	102,3	16,8	0,0	0,0	1,3	**642,6**
1971	**72**	3,5	3,4	39,5	181,6	109,5	74,2	2,6	17,0	0,0	1,6	0,0	68,6	**501,5**
1972	**73**	165,7	27,0	82,9	115,1	36,4	0,4	5,6	49,7	2,4	0,0	0,0	0,2	**485,4**
1973	**74**	33,6	75,3	69,6	43,6	47,7	83,3	67,4	11,3	15,4	0,0	0,0	0,0	**447,2**
1974	**75**	3,6	32,8	30,2	57,5	112,8	79,4	37,1	29,6	3,6	0,0	0,0	5,1	**391,7**
1975	**76**	15,8	5,9	175,0	29,4	81,6	46,6	163,0	13,0	2,4	1,0	18,4	58,3	**610,4**
1976	**77**	37,0	31,9	167,0	146,5	111,3	8,8	8,2	1,4	21,3	0,0	0,0	1,1	**534,5**

1977	**78**	151,9	77,3	203,2	31,3	122,4	41,3	56,3	50,6	3,0	0,0	0,0	0,0	**737,3**
1978	**79**	20,2	123,6	95,0	178,5	157,8	60,4	34,2	0,0	0,0	11,4	0,0	0,0	**681,1**
1979	**80**	253,5	7,8	7,1	17,4	19,4	43,3	64,1	72,7	8,9	0,9	11,3	6,3	**512,7**
1980	**81**	42,3	78,7	1,4	1,8	36,9	26,8	44,4	21,3	0,0	0,2	0,0	18,7	**272,5**
1981	**82**	19,9	0,5	119,3	72,4	38,5	47,1	30,0	0,0	0,0	12,8	0,9	13,3	**354,7**
1982	**83**	6,6	116,7	29,0	2,2	42,3	1,6	56,9	12,5	3,0	0,0	0,0	0,0	**270,8**
1983	**84**	121,9	193,5	106,5	8,9	19,1	61,1	34,6	12,7	0,5	0,0	0,0	1,7	**560,5**
1984	**85**	12,0	100,3	86,1	145,5	119,2	18,9	38,1	12,7	0,9	1,9	0,0	0,0	**535,6**
1985	**86**	0,0	61,5	53,6	57,1	105,4	35,9	60,2	15,9	0,0	1,7	0,0	80,6	**471,9**
1986	**87**	2,2	67,5	14,4	156,6	99,8	15,5	36,8	0,7	0,2	1,5	4,1	1,3	**400,6**
1987	**88**	86,7	106,3	176,6	39,7	18,7	10,5	14,0	29,0	70,5	5,0	0,0	0,0	**557,0**
1988	**89**	52,5	371,0	14,5	67,9	16,1	11,5	132,5	20,5	0,0	0,0	2,6	20,8	**709,9**
1989	**90**	160,4	243,2	422,2	42,5	0,0	83,4	83,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	**1035,9**
1990	**91**	88,8	42,3	212,7	4,3	106,5	89,2	40,4	0,0	0,0	0,0	0,0	11,3	**595,5**
1991	**92**	75,2	25,1	84,5	33,8	18,3	19,3	34,0	4,3	13,2	0,0	0,5	17,5	**325,7**
1992	**93**	29,8	1,5	249,8	50,7	50,2	69,4	67,3	66,5	4,3	0,0	0,0	7,4	**596,9**
1993	**94**	155,1	167,5	0,0	70,0	92,4	1,4	14,2	53,8	0,0	0,0	0,0	0,0	**554,4**
1994	**95**	35,9	38,4	10,9	27,9	55,4	12,0	32,1	6,8	0,0	7,5	0,0	4,4	**231,3**
1995	**96**	21,6	143,8	187,3	279,8	57,3	215,2	11,6	70,3	0,0	0,0	0,0	10,6	**997,5**
1996	**97**	21,2	38,6	312,0	177,2	0,0	0,0	41,2	83,2	25,2	6,0	0,0	29,0	**733,6**
1997	**98**	75,3	217,0	133,8	56,2	107,6	8,7	24,3	35,2	0,6	0,0	0,0	60,1	**718,8**
1998	**99**	12,2	15,2	34,5	60,7	4,7	101,7	10,8	8,9	0,0	0,0	0,0	11,9	**260,6**
1999	**00**	124,8	25,5	50,2	34,2	12,5	26,6	154,5	99,2	0,0	0,0	0,0	19,4	**546,9**
2000	**01**	19,4	62,2	183,2	84,4	63,5	99,5	0,0	24,0	0,0	0,0	0,0	46,6	**582,8**
2001	**02**	81,5	114,1	203,8	45,1	12,1	122,0	57,1	8,6	2,0	0,0	0,0	100,6	**746,9**
2002	**03**	50,0	114,2	88,3	59,7	57,4	45,8	69,4	4,3	1,0	0,0	1,0	3,0	**494,1**
2003	**04**	158,3	130,1	80,6	13,0	54,3	31,0	11,0	14,9	0,0	0,0	10,7	2,2	**506,1**
2004	**05**	61,8	48,0	43,7	2,6	10,7	33,8	3,3	9,6	0,1	0,4	0,6	3,0	**217,6**
2005	**06**	117,8	136,9	42,0	49,8	59,2	56,9	29,1	0,8	21,3	2,8	32,2	24,2	**573,0**
Média		**58,1**	**84,7**	**91,8**	**75,3**	**63,4**	**61,4**	**39,0**	**26,6**	**7,8**	**1,2**	**2,0**	**16,1**	**527,4**

Quadro 1. Séries de precipitação registadas no posto udográfico de Lagos

Fonte: SNIRH

Anexo IV Elenco florístico

Elenco Florístico observado na área de estudo da UOPG10 – Meia Praia. Presença observada no trabalho de campo ou potencial (dada para a UTM NB30 e em presença de biótopo favorável). Biótopo adaptado de Flora-on (2014) e Plantas Invasoras de Portugal (2020).

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Amaryllidaceae	*Allium roseum*			geófito	×	Prados vivazes ou anuais, em clareiras de matos e locais pedregosos, menos frequentemente em orlas de caminhos, campos agrícolas e dunas.
Amaryllidaceae	*Narcissus papyraceus*			geófito	potencial	Grande plasticidade ecologica, ocorre em sítios húmidos como margens de cursos de água e em zonas secas e pedregosas, em clareiras de matos ou orlas de bosques em substratos preferentemente básicos.
Anacardiaceae	*Pistacia lentiscus*	aroeira		fanerófito	×	Componente estrutural importante em diversos tipos de matos e matagais esclerófilos, principalmente carrascais. Acompanhante em bosques perenifólios, por vezes também com porte arbóreo. Com alguma preferência por solos calcários.
Apiaceae	*Cachrys sicula*			Hemicriptófito	×	Em sítios secos e descampados, incultos, bermas de caminhos. Subnitrófila, em solos preferentemente básicos.
Apiaceae	*Daucus muricatus*	cenoura-brava		terófito	×	Prados terofíticos em sítios secos e abertos, incultos. Arvense e ruderal, frequentemente em margas argilosas.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Apiaceae	*Eryngium campestre*	cardo-corredor		hemicriptófito	×	Sítios secos e abertos como pastagens e incultos, clareiras de matos e zonas pedregosas, indiferente ao tipo de solo, mas frequentemente em solos algo nitrificados.
Apiaceae	*Foeniculum vulgare*	funcho		hemicriptófito	×	Coloniza baldios e incultos em sítios secos, podendo atingir grandes densidades e originar funchais. Ocorre também em clareiras de matos degradados, bermas de caminhos, campos de cultivo. Espécie ruderal.
Araceae	*Arisarum simorrhinum*	candeias, capuz-de-frade	LC	geófito	×	Terrenos cultivados, bermas e taludes de caminhos, margens de linhas de água, clareiras e orlas de matos e bosques, fendas de afloramentos rochosos, frequentemente em clareiras ou solos revolvidos, ácidos ou básicos.
Arecaceae	*Chamaerops humilis*	palmeira-anã		fanerófito	×	Matos e matagais xerofílicos em encostas soalheiras e pedregosas, menos frequentemente em arribas litorais.Ocorre em solos secos e pedregosos, derivados de arenitos, calcários ou xistos, ácidos ou básicos.
Asparagaceae	*Agave americana*	piteira-brava	Exótica Invasora	caméfito	×	Matos xerófilos abertos, taludes e bermas de estradas, arribas litorais. Frequentemente cultivada para sebes.
Asparagaceae	*Asparagus acutifolius*			escandente, fanerófito	×	Matos e matagais xerofílicos, sebes. Indiferente edáfica.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Asparagaceae	*Asparagus albus*	estrepes		fanerófito	×	Matos xerofílicos abertos e sebes na orla de bosques perenifólios, geralmente zambujais. Coloniza pomares de sequeiro abandonados e terrenos incultos. Em locais abertos e secos.
Asparagaceae	*Asparagus aphyllus*			fanerófito	×	Matos e matagais xerofílicos, sebes, orlas de bosques. Também em dunas litorais.
Asparagaceae	*Dipcadi serotinum subsp. serotinum*	jacinto-da-tarde		geófito	potencial	Clareiras de prados, matos xerofílicos, pinhais e bosques, plataformas de afloramentos rochosos, dunas fixas, pousios. Em diversos tipos de substratos, arenosos, rochosos, argilosos.
Asparagaceae	*Muscari comosum*	cebolinho-de-flor-azul		geófito	×	Em searas, olivais, vinhas e outros campos agrícolas, em prados, pousios e clareiras de matos, pinhais e bosques. Em diversos tipos de substratos, de areias de dunas litorais a solos argilosos de origem calcária ou siliciosa.
Asparagaceae	*Muscari negletum*			geófito	×	Em afloramentos rochosos de calcário, campos agrícolas, pomares de sequeiro, em prados, lameiros, pousios e incultos.
Asparagaceae	*Ornithogalum narbonense*			geófito	×	Prados subnitrófilos em pousios, campos agrícolas incultos ou cultivados,olivais, searas, bermas de caminhos, baldios. Em diversos tipos de substratos, com preferência por solos argilosos ou de origem calcária, frequentemente pedregosos.
Asteraceae	*Asteriscus aquaticus*			terófito	×	Em prados anuais que se desenvolvem em clareiras de matos ou em incultos, por vezes na orla de matagais e bosques.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Asteraceae	*Atractylis gummifera*			geófito	×	Clareiras de matos, prados e pastagens em solos calcários, sempre em zonas soalheiras e quentes.
Asteraceae	*Bellis annua subsp. annua*			terófito	×	Prados anuais, clareiras de matos e matas, bermas, caminhos, incultos e pousios, em solos algo húmidos, frequentemente arenosos.
Asteraceae	*Calendula arvensis*	belas-noites		terófito	×	Campos agrícolas, pastagens, pousios, bermas de caminhos, baldios urbanos. Frequentemente em locais com alguma perturbação.
Asteraceae	*Carduncellus caeruleus*	cardo-azul		Hemicriptófito	×	Prados, pastagens, incultos e baldios. Em sitíos secos, com solos básicos.
Asteraceae	*Carduus tenuiflorus*	cardo-azul		terófito	×	Baldios urbanos, bermas de caminhos e campos agrícolas incultos, sobre solos soltos e perturbados, algo nitrificados.
Asteraceae	*Centaurea pullata*			terófito	×	Campos agrícolas, incultos, baldios, bermas de caminhos. Em locais perturbados.
Asteraceae	*Chrysanthemum coronarium*	malmequer		terófito	×	Baldios urbanos, bermas de caminhos e campos agrícolas cultivados ou incultos. Espécie ruderal.
Asteraceae	*Crepis vesicaria subsp. taraxacifolia*	almeiroa		Hemicriptófito , Terófito	×	Campos agrícolas cultivados ou incultos, vinhas, baldios, pastagens perturbadas, jardins. Frequentemente em locais perturbados.
Asteraceae	*Cynara humilis*	alcachofra-de-são-joão		Hemicriptófito	×	Pousios e pastagens, em sítios secos; indiferente edáfica.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Asteraceae	*Dittrichia viscosa subsp. revoluta*	tágueda	Endémica de Portugal continental	caméfito	x	Em clareiras de matos xerofílicos, pousios, bermas de estradas, pastagens abandonadas, baldios, campos agrícolas incultos e margens de linhas de água degradadas. Ruderal.
Asteraceae	*Galactites tomentosus*	cardo		terófito	x	Pousios, pastagens, bermas de caminhos, orlas de matos, campos de cultivo, baldios urbanos. Planta ruderal e nitrófila, frequentemente dominante em pastagens nitrificadas. Indiferente edáfica.
Asteraceae	*Hedypnois cretica*			terófito	potencial	Prados anuais em campos agrícolas cultivados, pousios, bermas de caminhos. Em locais secos.
Asteraceae	*Helichrysum stoechas subsp. stoechas*	perpétua-das-areias		caméfito	x	Matos xerófilicos abertos. Em sítios secos e soalheiros, indiferente edáfico.
Asteraceae	*Pallenis spinosa subsp. spinosa*	pampilho-espinhoso		Hemicriptófito, Terófito	x	Sítios secos, bermas de caminhos, descampados, incultos e locais ruderalizados.
Asteraceae	*Senecio vulgaris*	tasneirinha		terófito	x	Sob coberto de pinhais, matagais e bosques, prados, clareira de matos, baldios e incultos. Indiferente edáfica, com grande amplitude ecológica.
Asteraceae	*Sonchus asper*	serralha-áspera		Hemicriptófito , Terófito	x	Incultos, baldios urbanos, orlas de campos agrícolas, por vezes em fendas de arribas litorais. Em locais algo nitrificados.
Asteraceae	*Tragopogon hybridus*			terófito	x	Prados em solos calcários e pedregosos.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Asteraceae	*Urospermum picroides*	leituga-de-burro		terófito	×	Baldios urbanos, incultos, fendas de muros, sob coberto de pinhais, clareiras de matos e bosques perenifólios, campos de cultivo. Espécie com grande amplitude ecológica.
Boraginaceae	*Anchusa azurea*			hemicriptófito	×	Prados anuais em áreas agrícolas, bermas de caminhos, baldios. Em locais algo perturbados.
Boraginaceae	*Borago officinalis*	borragem		terófito	×	Prados, incultos, pousios e bermas de caminhos, em sítios frequentemente ruderalizados. Com preferência por solos de natureza calcária.
Boraginaceae	*Cerinthe major*	chupa-mel-roxo		terófito	×	Em terrenos cultivados ou incultos, taludes, rochedos, pastagens e pousios. Preferentemente em solos básicos e nitrificados, geralmente algo pedregosos; por vezes em solos arenosos ácidos.
Boraginaceae	*Echium plantagineum*	soagem		hemicriptófito	×	Em campos de cultivo, pousios, pastagens, margens de caminhos e areias. Espécie com grande amplitude ecológica, ocorre em terrenos húmidos ou secos, em locais geralmente ruderalizados. Indiferente edáfica.
Boraginaceae	*Neatostema apulum*			terófito	potencial	Clareiras de matos, campos cultivados, pastagens, pousios e prados em pomares de sequeiros tradicionais. Indiferente edáfica, com preferência por sítios secos.
Brassicaceae	*Raphanus raphanistrum subsp. raphanistrum*	saramago		terófito	×	Campos agrícolas cultivados ou incultos, searas, olivais, pomares, vinhas, bermas de caminhos, baldios. Indiferente edáfica.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
						Espécie arvense e ruderal.
Caprifoliaceae	*Lonicera implexa*	madressilva		Escandente, Fanerófito	×	Em matagais, sebes e orlas de bosques e matagais em ambientes mediterrânicos: sobreirais, azinhais, carrascais. Em vários tipos de substratos. Indiferente edáfica.
Caryophyllaceae	*Paronychia argentea*	erva-prata		Hemicriptófito	×	Prados secos, clareiras de matos xerófilos, incultos, veredas e bermas de caminhos. Em solos secos, arenosos ou pedregosos, por vezes ruderalizados
Caryophyllaceae	*Silene colorata*			terófito	potencial	Campos de agrícolas cultivados ou incultos, prados, bermas de caminhos.
Caryophyllaceae	*Silene gallica*	erva-mel		terófito	×	Campos de cultivo, prados, baldios e bermas de caminhos. Indiferente edáfica, com preferência por solos arenosos.
Caryophyllaceae	*Silene vulgaris subsp. vulgaris*			Hemicriptófito	×	Bermas de caminhos, campos agrícolas, pousios, pomares, olivais, sebes e orlas de matagais. Em substratos revolvidos.
Cistaceae	*Cistus albidus*	roselha grande		Caméfito, Fanerófito	×	Matos baixos (sargaçais), clareiras e orlas de bosques perenifólios (principalmente azinhais). Em locais próximos do mar ou interiores de clima seco, ameno no Inverno e quente no Verão. Indiferente edáfica, mas mais frequente em solos calcícolas.
Cistaceae	*Cistus monspeliensis*	sargaço		fanerófito	×	Sargaçais e outros matos baixos xerofílicos, em clareiras de bosques ou matagais perenifólios esclerófilos. Em clima mediterrânico quente, em sítios secos, sobre granitos, xistos e calcários.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Cistaceae	*Cistus salviifolius*	saganho-mouro		fanerófito, camétito	×	Matos xerofílicos baixo e abertos, em montados, bosques perenifólios, montados, pinhais e outros povoamentos florestais. Com preferência por substratos ácidos, ocorrendo em areias dunares, argilas, xistos, granitos e calcários descalcificados.
Convolvulaceae	*Convolvulus althaeoides*	corriola-rosada		Proto-hemicriptófito	×	Baldios, jardins, taludes, bermas de caminhos, campos agrícolas cultivados ou incultos, pastagens, pousios, sebes e orlas de matos e bosques. Espécie com elevada plasticidade de habitat, mas geralmente em locais secos e com alguma perturbação, por vezes nitrificados.
Crassulaceae	*Umbilicus rupestris*	umbigo-de-venus		Hemicriptófito	potencial	Em fendas de rochas, troncos e cascas de árvores, muros e telhados. Por vezes no solo, sob coberto de tojais, escovais e outros matos de leguminosas arbustivas. Indiferente edáfico.
Cupressaceae	*Juniperus turbinata*	zimbro		Fanerófito, Camétito	×	Matagais xerofílicos em dunas estabilizadas e arribas litorais, mas também no interior, em vertentes termófilas rochosas, afloramentos calcários e em vales ribeirinhos encaixados. Quando dominante dá origem a zimbrais. Em locais secos e soalheiros, em diversos tipos de substrato, arenoso, calcário ou xistoso.
Dioscoreaceae	*Tamus communis*	norça-preta		Geófito, Escandente	×	Bosques, matagais e sebes. Por vezes em olivais abandonados e em bosques ripícolas.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Dipsacaceae	*Scabiosa atropurpurea*	suspiros		Proto-hemicriptófito, Terófito	potencial	Pastagens, pousios e descampados, taludes e bermas viárias, indiferente edáfica, nitrófila, em regiões de clima mediterrânico.
Ericaceae	*Erica arborea*	urze-branca		fanerófito	×	Em matagais, bosques abertos e orlas de sobreirais ou carvalhais. Em vertentes frescas ou algo sombrias, em solos ácidos e de origem siliciosa, raramente em calcários descarbonatados.
Euphorbiaceae	*Euphorbia helioscopia subsp. helioscopia*	erva-maleiteira		terófito	×	Campos agrícolas cultivados ou incultos, baldios, taludes, bermas de caminhos, pastagens nitrificadas, escombreiras e outros locais perturbados. Em solos nitrificados e perturbados.
Euphorbiaceae	*Euphorbia terracina*			terófito, hemicriptófito	×	Areias litorais, taludes, bermas de caminhos, campos incultos, fendas da calçada. Em solos arenosos e ruderalizados, perto do litoral.
Fabaceae	*Acacia dealbata*	acácia-mimosa	Exótica Invasora	fanerófito	×	Ocorre nas margens das vias de comunicação.
Fabaceae	*Acacia saligna*	acácia	Exótica Invasora	fanerófito	×	Resistente à secura é frequente em dunas costeiras e margens de vias de comunicação no sul do país.
Fabaceae	*Astragalus boeticus*			terófito	potencial	Prados anuais, principalmente em solos arenosos e perturbados, perto do litoral.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Fabaceae	*Ceratonia siliqua*	alfarrobeira		fanerófito	×	Espontânea ou subespontânea em matagais esclerófilos mediterrânicos. Em locais quentes com substratos básicos e pedregosos. Também cultivada em pomares de sequeiro (alfarrobais), em regiões de clima quente e inverno ameno. Utilizada como ornamental em jardins.
Fabaceae	*Lathyrus cicera*	araca		Proto-hemicriptófito, Terófito	×	Em prados, pastagens, orlas de campos de cultivo, clareiras de matos, taludes e rochedos.
Fabaceae	*Lupinus luteus*	tremoceiro-amarelo		terófito	×	Prados em campos agrícolas incultos, pousios, montados, baldios, bermas de caminhos, matos degradados. Frequente em sementeiras. Em solos ácidos, neutros ou descarbonatados.
Fabaceae	*Trifolium angustifolium*	rabo-de-gato		terófito	×	Prados anuais, em clareiras de matos, pinhais e montados, por vezes incultos e bermas de caminhos. Geralmente em solos pobres e secos.
Fabaceae	*Trifolium scabrum*	trevo		terófito	×	Pastagens e prados anuais de reduzida cobertura, em baldios, clareiras de matos. Indiferente edáfico, mas mais frequente em substratos básicos e pedregosos.
Fabaceae	*Trifolium stellatum*	trevo		terófito	×	Pastagens e prados xerófilos, montados, clareiras de matos, em solos secos, pedregosos, por vezes nitrificados e ruderalizados.
Fabaceae	*Tripodion tetraphyllum*			terófito	×	Arrelvados e prados anuais em clareiras de tomilhais e outros matos baixos, frequentemente em ambientes ruderalizados ou bermas de caminhos, taludes e

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
						pousios, preferentemente em substrato calcário.
Fabaceae	*Vicia sativa*	ervilhaca		Escandente, Terófito	×	Campos de cultivo e prados em solos nitrificados. Muito cultivada como planta forrageira, frequentemente consociada com aveia.
Fagaceae	*Quercus coccifera*	carrasco		Fanerófito, Camefito	×	Em solos secos e pedregosos, com preferência por calcários, mas também ocorrendo em outros substratos.
Gentianaceae	*Centaurium erythraea*	fel-da-terra		Hemicriptófito, Terófito	×	Prefere as zonas secas com solos pobres, geralmente em clareiras e margens das florestas e nas bermas do caminhos.
Geraniaceae	*Erodium malacoides*			terófito	×	Campos agrícolas cultivados ou incultos, baldios urbanos ou rurais, bermas de estradas e caminhos e outros locais perturbados e algo nitrificados.
Geraniaceae	*Geranium rotundifolium*	geranio-peludo		terófito	×	Prados anuais em taludes, bermas de caminhos, baldios, campos agrícolas cultivados, pousios e também em dunas, bases de rochedos e orlas de diversos tipos de bosques e pinhais. Em locais com alguma perturbação ou ruderalizados.
Iridaceae	*Gladiolus illyricus subsp. illyricus*	espadana-dos-montes-de-folhas-largas		geófito	×	Prados anuais em campos agrícolas cultivados, pousios, bermas de caminhos.
Iridaceae	*Iris albicans*		Exótica	geófito	×	Naturalizada ao longo de taludes de estradas, bermas de caminhos, entulhos, orlas de pomares de sequeiro. Em locais secos e pedregosos.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Juncaceae	*Juncus acutus*	junco		Hemicriptófito, Helófito	×	Ocorre junto ao litoral, em areias marítimas e sapais, ou mais para o interior junto das linhas de água, mais raramente em terrenos secos, sempre em solos ácidos.
Lamiaceae	*Lavandula stoechas*	rosmaninho		Fanerófito, Caméfito	×	Matos xerófilos colonizadores, por vezes dominante (rosmaninhais). Também em clareiras ou sob coberto de azinhal, sobreiral, carvalhal ou pinhal. Em locais expostos e secos, preferentemente em substratos pobres, siliciosos e ácidos ou neutros.
Lamiaceae	*Phlomis purpurea*	marioila		fanerófito	×	Matos xerofíticos e orlas de matagais e bosques perenifólios. Em locais geralmente soalheiros e pedregosos, em diversos tipos de substratos, mas preferentemente de origem calcária.
Lamiaceae	*Thymbra capitata*	tomilho-cabeçudo, tomilho-de-Creta		Caméfito	×	Matos xerofílicos. Colonizadora em locais pedregosos, rochosos ou taludes de estradas, em calcários, margas ou solos argilosos, muito raramente em areias.
Malvaceae	*Lavatera cretica*	malva-alta		Proto-hemicriptófito, Terófito	×	Baldios, campos agrícolas cultivados ou incultos, bermas de caminhos, taludes. Em locais ruderalizados e nitrificados. Espécie ruderal.
Malvaceae	*Lavatera trimestris*			terófito	×	Campos agrícolas cultivados ou incultos, pousios, prados, clareiras de matos, bermas de caminhos. Frequentemente em locais algo perturbados, sobre substratos argilosos, arenosos ou calcários.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Moraceae	*Ficus carica*	figueira		fanerófito	×	Pomares de sequeiro, hortas, ruínas. Naturalizada na margem de cursos de água, barrancos profundos e orlas de matagais, em locais frescos, pedregosos e algo húmidos.
Myrtaceae	*Myrtus communis*	murta		fanerófito	×	Matos e matagais xerofílicos, orlas ou sob coberto de bosques e povamentos florestais abertos. Frequentemente a locais com alguma humidade edáfica superficial, como barrancos e linhas de escorrência temporárias.
Oleaceae	*Olea europaea europaea*	oliveira		fanerófito	×	Amplamente cultivado, em olivais tradicionais ou intensivos. Em substratos argilosos.
Oleaceae	*Olea europaea sylvestris*	zambujeiro		fanerófito	×	Matos xerofílicos, em sítios rochosos e secos.
Orchidaceae	*Anacamptis pyramidalis*	satirão-menor	d	geófito	×	Prados e pastagens em clareiras de matos preferentemente calcários.
Orchidaceae	*Ophrys speculum subsp. speculum*	erva-abelha-pequena-dos-calcários		geófito	×	Prados anuais e clareiras de matos baixos, em solos argilosos ou pedregosos, básicos ou ácidos.
Orchidaceae	*Serapias parviflora*	erva-língua-menor		geófito	×	Prados, pastagens vivazes e clareiras de matos esclerófitos ou bosques perenifólios. Indiferente ao substrato.
Orobanchaceae	*Bartsia trixago*	flor-de-ouro		Terófito, Epífito	×	Clareiras de matos em sítios pedregosos, prados, pastagens e arrelvados por vezes húmidos e mais ou menos ruderalizados. Indiferente edáfica.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Orobanchaceae	*Orobanche foetida*			Terófito, Epífito, Geófito	×	Prados, pastagens, matos, baldios, incultos e outros locais com solos arenosos e frequentemente perturbados. Parasita de leguminosas herbáceas.
Oxalidaceae	*Oxalis pes-caprae*	azeda	Exótica Invasora	geófito	×	Infestante de campos agrícolas cultivados ou incultos, pomares, bermas de caminhos, baldios urbanos, taludes, dunas, arribas e pinhais litorais ruderalizados. Em locais perturbados sobre todo o tipo de substratos, mas com alguma preferência por argilosos ou arenosos.
Papaveraceae	*Fumaria agraria*			escandente, terófito	×	Campos agrícolas cultivados ou incultos,sob coberto de pomares e olivais, mas também em sebes e orlas de matagais. Geralmente em solos ácidos e frescos.
Papaveraceae	*Papaver rhoeas*	papoila		terófito	×	Searas, pousios, pastagens, prados, montados, olivais e por vezes comportando-se como ruderal em bermas de caminhos, baldios e entulhos. Em substratos algo nitrificados, associados ao pastoreio extensivo de ovinos.
Pinaceae	*Pinus halepensis*	pinheiro-de-alepo	Exótica	fanerófito	×	Assilvestrada em locais perto do litoral, sobre solos secos, pedregosos e básicos. Associada a matagais ou dominante em pequenas manchas de pinhal. Espécie calcícola.
Plantaginaceae	*Plantago serraria*			Hemicriptófito	×	Pastagens, caminhos, clareiras com prados anuais. Em locais pisoteados, em solos geralmente argilosos.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Poaceae	*Arundo donax*	cana	Exótica Invasora	proto-hemicriptófito	×	Nas margens de linhas de água, mas também em campos agrícolas incultos, taludes e outros locais perturbados com alguma humidade superficial.
Poaceae	*Piptatherum miliaceum subsp. miliaceum*	talha-dente		Proto-hemicriptófito	potencial	Baldios urbanos, bermas de caminhos, taludes, incultos e orlas de matagais, frequentemente em locais secos, perturbados ou antropizados. Planta ruderal.
Polygonaceae	*Rumex bucephalophorus*			terófito	×	Bioindicadora de solos ácidos
Primulaceae	*Anagallis arvensis*	morrião-dos-campos		terófito	×	Terrenos cultivados ou incultos, bermas e outros locais humanizados, prados clareiras e orlas de matagais. Espécie arvense e ruderal. Indiferente edáfica.
Primulaceae	*Anagallis monelli*	morrião-grande		caméfito, hemicriptófito	×	Dunas e areias marítimas, clareiras de matos xerofílicos, descampados, incultos e bermas de caminhos. Em sítios secos e pedregosos. Indiferente edáfica.
Rhamnaceae	*Rhamnus alaternus*	aderno-bastardo		Fanerófito	×	Matagais xerofílicos, sebes e orlas de bosques perenifólios, raramente dominante em matagais ou bosquetes (adernais). Em diversos tipos de substrato, incluindo arenoso.
Rhamnaceae	*Rhamnus lycioides subsp. oleoides*	espinheiro-preto		fanerófito	×	Matos abertos em encostas secas, quentes e pedregosas, frequentemente em declives acentuados.
Rosaceae	*Prunus dulcis*	amendoeira	exótica	fanerófito	×	Cultivada em pomares.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Rosaceae	*Rosa canina*	silva-macha		fanerófito	×	Frequente em sebes e margens de campos cultivados
Rosaceae	*Rubus ulmifolius*	silvas		Caméfito, Escandente	×	Espécie de ecologia muito lata, com uma clara preferência por habitats com solos húmidos e alterados pelo homem.
Rubiaceae	*Rubia peregrina*	ruiva-brava		Escandente, Proto-hemicriptófito	×	Em matagais, sebes e sobcoberto de bosques esclerófilos e também em afloramentos rochosos e muros. Em locais mais ou menos sombrios. Indiferente edáfica, com alguma preferência por substratos básicos.
Rubiaceae	*Valantia muralis*			terófito	potencial	Prados anuais em baldios, incultos e clareiras de matos esclerófilos, fendas de rochedos e muros. Em solos secos, pedregosos e algo nitrificados, preferentemente sobre substratos básicos.
Rutaceae	*Ruta chalepensis*	arruda		caméfito	×	Matos abertos e orlas de matagais em locais soalheiros e pedregosos, com preferência por substratos calcários.
Solanaceae	*Solanum linnaeanum*		Exótica	caméfito	×	Em bermas de caminhos, campos agrícolas abandonados e outros locais muito perturbados. Espécie ruderal.
Thymelaecea	*Daphne gnidium*	trovisco		caméfito, fanerófito	×	Em bosques de azinheiras ou sobreiros e na orla de matagais de substituição destes bosques. Por vezes em matos costeiros, quer em arribas, quer em dunas interiores, em zimbrais e sob coberto de pinhais. Indiferente edáfico, sendo mais frequente em solos ácidos e secos.

Família	Taxon	Nome Comum	Naturalidade	Tipo Biológico	Presença	Biótopo
Valerianaceae	*Centranthus calcitrapae var. calcitrapae*	calcitrapa		terófito	potencial	Planta com grande amplitude ecológica, ocorre em clareiras de matos psamófilos, matos e em prados nitrificados, bermas de caminhos, fissuras de paredes, muros e taludes, em campos agrícolas. Indiferente edáfica.
Valerianaceae	*Fedia cornucopiae*			terófito	x	Prados em pomares de sequeiro tradicionais (olivais, alfarrobais), pousios, campos agrícolas incultos e pastagens. Em solos argilosos, preferentemente básicos de origem calcária e frescos.
Xanthorrhoeaceae	*Asphodelus fistulosus*			Hemicriptófito, Terófito	potencial	Bermas de estradas, orlas agrícolas, pousios, baldios e incultos. Em locais algo perturbados, em diversos tipos de substratos, incluindo areias litorais.

Quadro 2. Elenco Florístico

Elaborado pelo autor

Anexo V Elenco faunístico

ANFÍBIOS

Presença na área de estudo: P – potencial, CE – confirmada por especialista na área de inserção do projeto (Quadrícula UTM NB30) (Loureiro *et al.*, 2008; Maravalhas & Soares, 2017) e CO – confirmada por observação; Biótopo de ocorrência; Indicação de espécies endémicas da Península Ibérica (End); Estatuto de Conservação (Estatuto), segundo Cabral *et al.* (2005): CR – Criticamente em Perigo, EN – Em Perigo, VU – Vulnerável, NT – Quase Ameaçado, LC – Pouco Preocupante, DD – Informação Insuficiente, NE – Não Avaliado e NA – Não Aplicável. Convenções e Diretivas: Estatuto nas Convenções Internacionais e Diretivas Comunitárias de proteção da fauna: Convenção de Berna (Anexos II e III) e Diretiva Habitats (Anexos II, IV e V).

Nome Científico	Nome Comum	Pres	Biótopo	End	Estatuto	Berna	Habitats
Ordem Urodela							
Família Salamandridae							
Pleurodeles waltl	Salamandra-de-costelas-salientes	P	Utiliza águas paradas, em sistemas permanentes ou temporários, mas com alguma profundidade, em zonas quentes e secas.	PIb e norte Marrocos	LC	III	
Salamandra salamandra	Salamandra-de-pintas-amarelas	P	Espécie tipicamente florestal, mas que ocorre numa grande diversidade de habitats, na proximidade de cursos de água com presença preferencial de galeria ripícola.		LC	III	
Lissotriton boscai	Tritão-de-ventre-laranja	P	Ocorre ribeiros com corrente fraca, açudes ou albufeiras, mas também em prados e zonas agrícolas, na proximidade de massas de água de reduzida turbidez.	End Ib Exclusivo oeste	LC	III	
Triturus pygmaeus	Tritão-marmorado-pigmeu	P	Habita em massas de água paradas, ribeiras com vegetação ripícola e charcos temporários resultantes do alagamento da planície circundante.	End Ib Exclusivo do sul	LC	III	IV
Ordem Anura							
Família Discoglossidae							
Alytes cisternasii	Sapo-parteiro-ibérico	P	Prefere solos arenosos e pouco consistentes, em zonas abertas e planas. Encontra-se associada a bosques esclerófitos, mas pode ocorrer em zonas agrícolas, junto a cursos de água temporários.	End Ib	LC	II	IV
Discoglossus galganoi	Discoglosso	CE	Ocorre em massas de água saturadas de vegetação: prados encharcados, charcos temporários e margens alagadas de linhas de água.	End Ib Oeste e Centro	NT	II	II, IV
Família Pelobatidae							

Nome Científico	Nome Comum	Pres	Biótopo	End	Estatuto	Berna	Habitats
Pelobates cultripes	Sapo-de-unha-negra	CE	Prefere locais arenosos, de solo pouco compactado, onde se enterra durante o dia. Ocorre em campos de cultivo, pastagens e utiliza charcos para se reproduzir.		LC	II	IV
Família Pelodytidae							
Pelodytes punctatus	Sapinho-de-verrugas-verdes	CE	Ocorre numa grande variedade de habitats, incluindo solos arenosos e calcários. Reproduz-se em charcos pouco profundos.		NE	III	
Família Bufonidae							
Bufo spinosus	Sapo	CE	Ocorre numa grande variedade de biótopos, não apresentando restrições ecológicas. Para a reprodução procura águas paradas ou com pouca corrente, preferencialmente permanentes e com vegetação.		LC	III	
Epidalea calamita	Sapo-corredor	P	Reproduz-se em charcos temporários de pouca profundidade. Prefere habitats abertos ou semiabertos, especialmente locais arenosos e secos.		LC	II	IV
Família Hylidae							
Hyla meridionalis	Rela-meridional	P	Ocorre em zonas húmidas com vegetação abundante, normalmente nas proximidades de cursos de água, charcos, lagoas ou lameiros. Pode ser observada em gramíneas altas, arbustos e árvores pequenas.		LC	II	IV
Família Ranidae							
Pelophylax perezi	Rã-verde	CE	Não apresenta restrições ecológicas, podendo encontrar-se em qualquer ponto de água, independentemente da sua extensão e tolerando algum grau de poluição.	PIb e SW França	LC	III	V

Quadro 3. Lista das espécies de Anfíbios inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos

Elaborado pelo autor

RÉPTEIS

Presença na área de estudo: P – potencial, CE – confirmada por especialista na área de inserção do projeto (Quadrícula UTM NB30) (Loureiro *et al.*, 2008; Maravalhas & Soares, 2017) e CO – confirmada por observação; Biótopo de ocorrência; Indicação de espécies endémicas da Península Ibérica (End); Estatuto de Conservação (Estatuto), segundo Cabral *et al.* (2005): CR – Criticamente em Perigo, EN – Em Perigo, VU – Vulnerável, NT – Quase Ameaçado, LC – Pouco Preocupante, DD – Informação Insuficiente, NE – Não Avaliado e NA – Não Aplicável. Convenções e Diretivas: Estatuto nas Convenções Internacionais e Diretivas Comunitárias de proteção da fauna: Convenção de Berna (Anexos II e III) e Diretiva Habitats (Anexos II, IV e V).

Nome Científico	Nome Comum	Pres	Biótopo	End	Estatuto	Berna	Habitats
Sauria							
Família Gekkonidae							
Hemidactylus turcicus	Osga-turca	P	Vive em afloramentos rochosos, em zonas quentes e secas. Aproveita também construções abandonadas e muros velhos.		VU	III	
Tarentola mauritanica	Osga-comum	CE	Ocorre em edificações mesmo habitadas, ou em meio natural em aglomerados de pedras ou troncos de árvores.		LC	III	
Família Blanidae							
Blanus mariae	Licranço-de-Maria	CE	Espécie termófila, prefere solos pouco compactados, que permitam escavar galerias.	End Ib SW	LC	III	
Família Lacertidae							
Timon lepida	Sardão	P	Frequenta locais abertos e áridos, rochosos ou arenosos, estando sobretudo dependente da disponibilidade de abrigos (troncos velhos, pedras).		LC	II	
Podarcis virescens	Lagartixa-ibérica	P	Habita zonas quentes e rochosas. Também habita muros e jardins.	End Ib	LC	III	IV
Psammodromus algirus	Lagartixa-do-mato	P	Ocorre numa grande variedade de habitats.		LC	III	
*Psammodromus hispanicus**	Lagartixa-do-mato-ibérica*	P	Associa-se tipicamente a áreas de vegetação subarbustiva densa, alternada com espaços de terreno aberto. Associada a afloramentos rochosos e áreas pedregosas.		NT	III	
Família Scincidae							
Chalcides bedriagai	Cobra-de-pernas-pentadáctila	CE	Surge em habitats secos e quentes, com pouco coberto vegetal, como zonas arenosas ou pedregosas, onde se esconde debaixo de pedras ou troncos.	End Ib	LC	II	IV
Chalcides striatus	Cobra-de-pernas-tridáctila	CE	Encontra-se associado a habitats que aliem muita humidade e insolação, particularmente, as pastagens, onde existem gramíneas e arbustos.		LC	III	
Serpentes							
Família Colubridae							
Hemorrhois hippocrepis	Cobra-de-ferradura	P	Espécie termófila, ocorre em áreas secas, com arvoredo escasso e zonas rochosas. É comum em zonas agrícolas e humanizadas.	PIb e N África	LC	II	IV
Coronella girondica	Cobra-lisa-meridional	P	Ocorre numa grande variedade de habitats, apesar de preferir locais moderadamente quentes e secos, locais abertos com vegetação esparsa.		LC	III	
Rhinechis scalaris	Cobra-de-escada	P	Espécie termófila, bem-adaptada à variedade de habitats caraterísticos termomediterrânicos. Ocorre em áreas agrícolas e rurais.	PIb e S França	LC	III	
Macroprotodo	Cobra-de-	P	Habita lugares secos, com		LC	III	

Nome Científico	Nome Comum	Pres	Biótopo	End	Estatuto	Berna	Habitats
n brevis	capuz		vegetação esparsa e rochas.				
Natrix maura	Cobra-de-água-viperina	P	Uma espécie muito comum, localmente abundante e amplamente distribuída. Encontra-se em linhas de água e albufeiras.		LC	III	
Natrix natrix	Cobra-de-água-de-colar	P	Frequenta habitats aquáticos e habitats florestais envolventes desde que com elevados níveis de humidade.		LC	III	
Família Psammophiidae							
Malpolon monspessulanus	Cobra-rateira	CO	Espécie termófila, habita todos os biótopos mediterrânicos presentes em Portugal.		LC	III	

Quadro 4. Lista das espécies de Répteis inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos.

Elaborado pelo autor

AVES

Presença na área de estudo: P – potencial e CE – confirmada por especialista na área de inserção do projeto (Quadrícula UTM NB30) (Equipa ATLAS, 2008; Equipa ATLAS, 2018) e CO – confirmada por observação direta; Probabilidade de presença por Biótopo: P – provável. Fenologia: Res – residente, Vis – visitante, MigRep – migrador reprodutor, Rep – reprodutor, Oc – ocasional, Nind – não-indígena, Nind* - não-indígena com nidificação em Portugal Continental em semiliberdade, Nind** - não-indígena com nidificação provável ou confirmada. Estatuto de Conservação (Cabral *et al.* 2005): CR – Criticamente em Perigo, EN – Em Perigo, VU – Vulnerável, NT – Quase Ameaçado, LC – Pouco Preocupante, DD – Informação Insuficiente, NE – Não Avaliado e NA – Não Aplicável. SPEC (*Species of European Conservation Concern*): SPEC 1 – Espécies que ocorrem na Europa e que à escala mundial são consideradas como "Globalmente ameaçadas", "Quase ameaçadas" ou "com Insuficiência de Dados", SPEC 2 – Espécies que ocorrem principalmente na Europa e que aí possuem um estatuto de conservação desfavorável, SPEC 3 – Espécies cujas populações não estão concentradas na Europa, mas que aí possuem um estatuto de conservação desfavorável, Não-SPEC^{E} – Espécies que possuem um estatuto de conservação favorável, mas que se encontram concentradas na Europa, Não-SPEC – Espécies que possuem um estatuto de conservação favorável e que não se encontram concentradas na Europa. Instrumentos legais de proteção da fauna: Convenção de Berna, Bona, Washington (CITES), Diretiva Aves e Outra legislação (1 – Lei de Bases da Caça).

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Berna**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
Ordem Ciconiformes											
Família Ardeidae											
Bubulcus ibis	Garça-boieira	CO, CE	Explora diferentes tipos de biótopos, desde habitats abertos como áreas de pastagem ou terrenos recentemente lavrados.	Res	LC	Non-SPEC	II		A		
Família Ciconidae											
Ciconia ciconia	Cegonha-branca	CE	Espécie tendencialmente colonial, apresenta preferência por áreas temporariamente alagadas, prados e zonas de agricultura extensiva.	MigRep	LC	Non-SPEC	II	II		A-I	
Ordem Falconiformes											
Família Accipitridae											
Elanus caeruleus	Peneireiro-cinzento	P	Nesta zona, ocorre em mosaicos florestais e habitats em que o estrato herbáceo é dominante – pastagens, prados e culturas cerealíferas.	Res	NT	SPEC 3	II	II	II A	A-I	
Circaetus gallicus	Águia-cobreira	P	Caraterística de zonas que alternem áreas de matagais arborizados e zonas abertas, potencial embora evite áreas muito fragmentadas.	MigRep	NT	Non-SPEC	II	II	II A	A-I	
Circus cyaneus	Tartaranhão-azulado	P	Como invernante ocorre numa grande variedade de biótopos, tais como culturas arvenses de sequeiro e matos.	Vis	VU	SPEC 3	II	II	II A	A-I	
Buteo buteo	Águia-de-asa-redonda	P	Ocupa uma grande diversidade de habitats, desde áreas arborizadas a terrenos abertos. Pode ser observada com frequência em vedações ou postes.	Res	LC	Non-SPEC	II	II	II A		
Família Falconidae											
Falco tinnunculus	Peneireiro-vulgar	P	Ocupa uma grande diversidade de habitats, sendo abundante no litoral rochoso, particularmente quando associado a áreas agrícolas adjacentes.	Res	LC	SPEC 3	II	II	II A		
Falco peregrinus	Falcão-peregrino	CE	Nidifica em plataformas rochosas, associado a habitats variados com afloramentos.	Res	VU	Non-SPEC	II	II	II A	A-I	
Ordem Galliformes											
Família Phasianidae											
Alectoris rufa	Perdiz-comum	P	Espécie amplamente distribuída. Prefere áreas abertos com matagais abertos.	Res	LC	SPEC 2	III			D	1

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Bern**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
Coturnix coturnix	Codorniz	P	Espécie típica de paisagens abertas em planícies aluviais, terraços ou planaltos.	MigRep	LC	SPEC 3	III	II		D	1
Ordem Charadriiformes											
Família Burhinidae											
Burhinus oedicnemus	Alcaravão	P	Frequenta habitats abertos com vegetação herbácea ou arbustiva rala e dispersa e com poucas árvores, tais como pousios, pastagens e culturas cerealíferas de sequeiro.	Res	VU	SPEC 3	II	II		A-I	
Família Charadriidae											
Vanellus vanellus	Abibe	P	Ocorre como invernante no Sul em campos abertos como prados e pastagens.	Vis	LC	SPEC 1	III	II			
Ordem Stercorariidae											
Família Laridae											
Larus ridibundus	Guincho	CE	Presença associada à orla costeira.	Vis	LC	Non-SPEC	III				
Larus fuscus	Gaivota-de-asa-escura	CE	Presença associada à orla costeira.	Vis	LC	Non-SPEC					
Larus michahellis	Gaivota-de-patas-amarelas	CE	Presença associada à orla costeira.	Res	LC	Non-SPEC	III				
Ordem Columbiformes											
Família Columbidae											
Columba livia	Pombo-das-rochas	CO	A população selvagem prefere locais com menor perturbação humana, nas proximidades de terrenos agrícolas e campos abertos.	Res	DD	Non-SPEC	III		A	D	1
Columba palumbus	Pombo-torcaz	P	Encontra-se associada a povoamentos de coníferas, mas pode frequentar zonas com árvores muito dispersas.	Res	LC	Non-SPEC					1
Streptopelia decaocto	Rola-turca	P	Associada a zonas rurais, a parques e jardins.	Res	LC	Non-SPEC	III				
Streptopelia turtur	Rola-comum	P	Frequenta uma grande variedade de habitats mistos, com mosaicos agrícolas e manchas de vegetação arbórea e arbustiva complexa.	MigRep	LC	SPEC 1	III		A	D	1
Ordem Cuculiformes											
Família Cuculidae											
Cuculus canorus	Cuco-canoro	CE	Ocorre numa grande diversidade de habitats, desde que arborizados, preferindo, no entanto, as zonas ripícolas.	MigRep	LC	Non-SPEC	III				
Ordem Strigiformes											
Família Tytonidae											
Tyto alba	Coruja-das-torres	P	Frequenta sobretudo biótopos abertos, nomeadamente áreas agricultadas onde	Res	LC	SPEC 3	II		II A		

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Bern**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
			abundem micromamíferos.								
Família Strigidae											
Athene noctua	Mocho-galego	P	Apesar de poder frequentar uma elevada diversidade de habitats, a espécie depende da existência de áreas abertas que utiliza como terrenos de caça e da disponibilidade de cavidades, naturais ou não, para a nidificação.	Res	LC	SPEC 3	II		II A		
Strix aluco	Coruja-do-mato	P	Tipicamente florestal, prefere bosques e montados de quercíneas, mas também ocorre em pinhais litorais.	Res	LC	Non-SPEC	II		II A		
Ordem Caprimulgiformes											
Família Caprimulgidae											
Caprimulgus ruficollis	*Noitibó-de-nuca-vermelha*	P	É uma espécie típica de habitats relativamente abertos, podendo ocorrer em pomares, matos não muito desenvolvidos e ainda em áreas de agricultura pouco intensiva ou em pastagens, próximas de áreas arborizadas.	MigRep	VU	Non-SPEC	II				
Ordem Apodiformes											
Família Apodidae											
Apus apus	Andorinhão-preto	P	Associada a zonas humanizadas, pois nidifica geralmente em colónias, instalando os ninhos em telhados de edifícios, cavidades de muros e paredes. As áreas de alimentação podem localizar-se a grande distância dos locais de nidificação.	MigRep	LC	SPEC 3	III				
Apus pallidus	Andorinhão-pálido	P	Pode ocorrer em habitats diversificados, rurais ou suburbanas.	MigRep	LC	Non-SPEC	II				
Tachymarptis melba	Andorinhão-real	P	Instala colónias em afloramentos rochosos e escarpas, procurando alimento em áreas de agropecuária extensiva.	MigRep	NT	Non-SPEC	II				
Ordem Coraciiformes											
Família Meropidae											
Merops apiaster	Abelharuco	CO	A espécie frequenta sobretudo regiões de relevo pouco acentuado, com especial destaque para matos e mosaicos de incultos, pastagens e manchas arborizadas. Escava os ninhos em barreiras nas margens de cursos de água e em taludes de estradas e caminhos.	MigRep	LC	Non-SPEC	II	II			
Família Upupidae											

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Bern**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
Upupa epops	Poupa	CO	Frequenta uma grande diversidade de habitats, incluindo campos agrícolas e pastagens.	MigRep / Res	LC	Non-SPEC	II				
Ordem Piciformes											
Família Picidae											
Jynx torquilla	Torcicolo	P	Ocorre em habitats mistos de bosques abertos, matos e prados.	MigRep	DD	SPEC 3	II				
Picus sharpei	Peto-real	P	Associado a habitats florestais, matas ripícolas e montados. Por vezes explora terrenos agrícolas abertos onde se alimenta de insetos no solo.	Res	LC	SPEC 1	II				
Dendrocopus major	Pica-pau-malhado-grande	P	Surge na maioria dos habitats arborizados, mesmo nos menos densos, podendo ser também observado em matagais desenvolvidos.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Ordem Passeriformes											
Família Alaudidae											
Calandrella brachydactyla	Calhandrinha	P	Prefere solos com reduzida cobertura vegetal (baixa e pouco densa), como pastagens, pousios pouco desenvolvidos e terrenos lavrados.	MigRep	LC	SPEC 3	II			A-I	
Galerida cristata	Cotovia-de-poupa	P	Ocupa tipicamente os terrenos planos com maior presença humana.	Res	LC	SPEC 3	III				
Lullula arborea	Cotovia-pequena	P	Associada a bosques abertos, em mosaico com pastagens ou áreas de matos.	Res/ Vis	LC	SPEC 2	III			A I	
Alauda arvensis	Laverca	P	Como invernante frequenta habitats abertos, como áreas de matos e prados.	Vis	LC	SPEC 3	III				
Família Hirundinidae											
Hirundo rustica	Andorinha-das-chaminés	CO	Esta espécie tem uma presença efetiva em praticamente todos os habitats, mas parece preferir zonas agrícolas. Para nidificação utiliza uma grande diversidade de construções.	MigRep	LC	SPEC 3	II				
Cecropis daurica	Andorinha-daurica	P	Frequenta diversos tipos de habitats, preferindo, porém, áreas pouco humanizadas.	MigRep	LC	Non-SPEC	II				
Delichon urbicum	Andorinha-dos-beirais	P	Nidifica em zonas habitadas.	MigRep	LC	SPEC 2	II				
Família Motacillidae											
Anthus campestris	Petinha-dos-campos	P	Caraterísticas de áreas abertas com vegetação escassa e rasteira. Parece preferir zonas pousios e pastagens de baixa altitude.	MigRep	LC	SPEC 3	II			A-I	
Anthus trivialis	Petinha-das-árvores	CE	Na migração outonal frequenta uma grande	MigRep	NT	SPEC 3	II				

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Bern**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
			diversidade de meios abertos incluindo campos agrícolas, pousios e descampados.								
Anthus pratensis	Petinha-dos-prados	P	Frequenta habitats agrícolas como terrenos incultos, lavrados ou inundados e biótopos agroflorestais com estrato arbustivo ou descontínuo.	Vis	LC	SPEC 1	II				
Motacilla alba	Alvéola-branca	CE	Frequenta uma grande diversidade de habitats, incluindo prados, zonas agrícolas e urbanas.	Res/ Vis	LC	Non-SPEC	II				
Família Trogoldytidae											
Troglodytes troglodytes	Carriça	P	Encontra-se associada a habitats florestais com sub-bosque, mas adapta-se a matagais, sebes e jardins.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Família Turdidae											
Erithacus rubecula	Pisco-de-peito-ruivo	P	Deverá ocorrer sobretudo como invernante, em matagais, pomares, sebes e jardins.	Vis	LC	Non-SPEC	II	II			
Luscinia megarhynchos	Rouxinol	P	Tipicamente associada a vegetação alta e densa, podendo ocorrer em matagais ou silvados.	MigRep	LC	Non-SPEC	II	II			
Phoenicurus ochrurus	Rabirruivo-preto	P	Ocorre na área sobretudo como invernante, em habitats variados preferindo terreno aberto.	Vis	LC	Non-SPEC	II	II			
Saxicola torquatus	Cartaxo-comum	CO	Nidifica em zonas abertas com vegetação rasteira, ao abrigo da qual constrói o ninho. Usa frequentemente os ramos mais altos de pequenos arbustos para cantar e vigiar o seu território.	Res	LC	Non-SPEC	II	II			
Oenanthe oenanthe	Chasco-cinzento	P	Ocorre como migrador de passagem, selecionando preferencialmente terrenos abertos com escassa vegetação.	Mig	LC	SPEC 3	II	II			
Oenanthe hispanica	Chasco-ruivo	P	Ocorre em áreas abertas, relativamente desarborizadas. Utiliza pousios, pastagens, dunas, zonas de mato disperso.	MigRep	VU	Non-SPEC	II	II			
Turdus merula	Melro	CO	Espécie muito versátil, mas procura habitats florestais e, na ausência de estrato arbóreo, matagais.	Res	LC	Non-SPEC	III	II		D	1
Turdus philomelos	Tordo-musical	P	Muito versátil utiliza vários tipos de mosaicos agroflorestais.	Vis	LC	Non-SPEC	III	II		D	1
Família Sylviidae											
Hippolais polyglotta	Felosa-poliglota	P	Frequenta um leque alargado de habitats, onde se incluem olivais, matos desenvolvidos, terrenos agrícolas e orlas de áreas arborizadas.	MigRep	LC	Non-SPEC	II	II			

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Bern**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
Sylvia atricapilla	Toutinegra-de-barrete-preto	P	Frequenta quase todo o tipo de habitats arborizados, incluindo matagais, zonas agrícolas arborizadas, sebes e jardins.	Res	LC	Non-SPEC	II	II			
Sylvia communis	Papa-amoras	P	Ocorre como migradora em paisagens compartimentadas entre matos diversificados, áreas agrícolas e pastagens.	Mig	LC	Non-SPEC	II	II			
Sylvia undata	Felosa-do-mato	P	A sua presença está associada a matos e matagais.	Res	LC	SPEC 1	II			A-I	
Sylvia cantillans	Toutinegra-de-bigodes	P	É uma espécie tipicamente mediterrânica preferindo áreas de matos bem desenvolvidos e diversificados. Durante a migração apresenta uma maior amplitude de habitats.	Mig	LC	Non-SPEC	II	II			
Sylvia melanocephala	Toutinegra-de-cabeça-preta	CO	Associada sobretudo a matos e a sebes várias.	Res	LC	Non-SPEC	II	II			
Phylloscopus collybita	Felosa-comum	P	Invernante muito eclética, pode ocorrer, entre outros, em matos e pomares.	Vis	LC	Non-SPEC	II	II			
Phylloscopus trochilus	Felosa-musical	P	Tipicamente migradora de passagem, pode ser observada numa grande variedade de habitats.	Mig	-	SPEC 3	III	II			
Phylloscopus ibericus	Felosinha-ibérica	P	Ocorre em matagais mediterrânicos, entre outros habitats.	MigRep	LC	Non-SPEC	II	II			
Família Muscicapidae											
Muscicapa striata	Papa-moscas-cinzento	P	Ocorre como migrador em áreas com arvoredo disperso, com subcoberto de matos baixos e prados.	Mig	NT	SPEC 2	II	II			
Ficedula hypoleuca	Papa-moscas-preto	P	Exclusivamente migrador em território nacional, mas nesta fase abundante. Prefere zonas arborizadas, mas pode ocorrer em habitats abertos onde aparece associada a sebes e matos.	Mig	-	Non-SPEC	II	II			
Família Aegithalidae											
Aegithalos caudatus	Chapim-rabilongo	P	Espécie florestal, surge também em zonas de mato denso e alto.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Família Paridae											
Lophophanus cristatus	Chapim-de-poupa	P	Ocorre em habitats arborizados, em bosque, mas também em matos e matagais.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Cyanistes caeruleus	Chapim-azul	CO	Frequenta praticamente todo o tipo de habitats arborizados, mas também matagais altos.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Parus major	Chapim-real	CO	Frequenta praticamente todo o tipo de habitats arborizados, mas também formações arbustivas, ocorrendo inclusive em meios abertos como	Res	LC	Non-SPEC	II				

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	**Nome Comum**						**Bern**	**Bona**	**CITES**	**Aves**	**Outra Leg.**
			prados e terrenos incultos.								
Família Sittidae											
Família Certhiidae											
Certhia brachydactyla	Trepadeira-comum	P	Ocorre na generalidade de meios arborizados, incluindo pomares e jardins.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Família Oriolidae											
Oriolus oriolus	Papa-figos	P	No Sul, ocorre em pomares de figueiras e alfarrobeiras e em amendoais.	MigRep	LC	Non-SPEC	II				
Família Lanidae											
Lanius meridionalis	Picanço-real	P	É uma espécie bastante eclética, ocorrendo numa grande variedade de meios abertos, podendo encontrar-se em áreas agrícolas e matagais.	Res	LC	SPEC 2	II				
Lanius senator	Picanço-barreteiro	P	Apresenta apetência por habitats arborizados pouco densos, com presença de terrenos agrícolas, ocorrendo em pomares, desde que exista alternância de estrato arbóreo, arbustivo, zonas abertas e solo a descoberto.	MigRep	NT	SPEC 2	II				
Família Corvidae											
Garrulus glandarius	Gaio-comum	P	Associada a uma grande variedade de biótopos florestais, com presença de estrato arbustivo.	Res	LC	Non-SPEC				D	1
Cyanopica cooki	Charneco-ibérico	CO	Frequenta sistemas agroflorestais abertos e secos.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Corvus monedula	Gralha-de-nuca-cinzenta	P	Frequenta uma grande variedade de habitats, mas parece preferir áreas com cultivos de sequeiro extensos ou com pastagens, nidificando em escarpas, construções abandonadas ou outro tipo de estruturas edificadas.	Res	LC	Non-SPEC					
Família Sturnidae											
Sturnus unicolor	Estorninho-preto	P	Esta espécie é marcadamente antropófila, nidificando em núcleos urbanos, áreas rurais e ruínas. É mais abundante no quadrante leste do país, onde encontra uma paisagem dominada por mosaico agrícola.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Família Passeridae											
Passer domesticus	Pardal-dos-telhados	CO	Nidifica em edificações humanas, mas também em árvores ou em ninhos de aves de grande porte, formando	Res	LC	SPEC 3					

Espécie		Pres	Biótopo	Fen	Est	SPEC	Instrumentos Legais				
Nome Científico	Nome Comum						Bern	Bona	CITES	Aves	Outra Leg.
			colónias.								
Família Fringillidae											
Fringilla coelebs	Tentilhão-comum	CO	Ocorre numa grande variedade de habitats arborizados, incluindo pinhais e pomares ou em zonas agrícolas com árvores associadas, entre outros.	Res	LC	Non-SPEC	III				
Serinus serinus	Chamariz	CO	Pode ocupar uma grande variedade de habitats, dando preferência a biótopos florestais e agroflorestais e terrenos incultos (pousios, pastagens e restolhos).	Res	LC	SPEC 2	II				
Chloris chloris	Verdilhão-comum	P	Ocorre com frequência em zonas humanizadas, nomeadamente em jardins e em mosaicos de terrenos agrícolas com sebes e árvores dispersas.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Carduelis carduelis	Pintassilgo	P	Prefere habitats semiabertos com presença de árvores, tais como campos agrícolas com sebes e árvores dispersas.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Linaria cannabina	Pintarroxo-comum	CO	Prefere espaços abertos, como restolhos, pousios, incultos, prados, zonas com pequenos arbustos ou terrenos agrícolas.	Res	LC	SPEC 2	II				
Família Emberizidae											
Emberiza cirlus	Escrevedeira	P	Espécie caraterística de paisagens compartimentadas, onde parece explorar as zonas de orla, estando normalmente associada a mosaicos agrícolas com sebes, pontuados por matagais e afloramentos rochosos.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Emberiza cia	Cia	P	Prefere habitats abertos com afloramentos rochosos, incluindo campos agrícolas e orla de matagais.	Res	LC	Non-SPEC	II				
Emberiza calandra	Trigueirão	CO	Frequenta vários habitats abertos, desde que possuam árvores dispersas, matos de esteva ou sebes.	Res	LC	SPEC 2	III				

Quadro 5. Lista das espécies de Aves inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos.

Elaborado pelo autor

MAMÍFEROS

Indicação de espécies endémicas da Península Ibérica (*); da Presença na área de estudo: P – potencial, CE – confirmada por especialista na área de inserção do projeto (Quadrícula UTM NB30) (Bencatel *et al.* 2017, Rainho *et al.* 2013), CO – confirmada por observação no campo e CI – confirmada por informação de trabalhadores locais; Biótopo de ocorrência. Estatuto de Conservação (Estatuto), segundo Cabral *et al.*

(2005): CR – Criticamente em Perigo, EN – Em Perigo, VU – Vulnerável, NT – Quase Ameaçado, LC – Pouco Preocupante, DD – Informação Insuficiente, NE – Não Avaliado e NA – Não Aplicável. Convenções e Diretivas: Estatuto nas Convenções Internacionais e Diretivas Comunitárias de proteção da fauna: Convenção de Berna (Anexos II e III) e Diretiva Habitats (Anexos II, IV e V).

Nome Científico	Nome Comum	PRES	Biótopo	Estatuto	CIN	Berna	Bona	Habitats
Ordem Insectívora								
Família Erinaceidae								
Erinaceus europaeus	Ouriço-cacheiro	P	Utiliza habitats muito diversificados, frequente em habitats rurais e semiurbanos. Ocorre em ecótonos formados por arbustos e sebes, sendo frequente em áreas agrícolas pouco intensivas.	LC		III		
Família Soricidae								
Crossidura russula	Musaranho-de-dentes-brancos	P	Ocorre em habitats tipicamente mediterrânicos. Prefere áreas abertas e margens de florestas, com bom coberto vegetal, ocorrendo também em ecótonos humanizados, como jardins e imediações de habitações.	LC		III		
Suncus etruscus	Musaranho-anão-de-dentes-brancos	P	Habitats tipicamente mediterrânicos e espaços abertos, em interface agroflorestal, em sobretudo olivais, maquis ou campos de cultivo abandonados, de preferência na presença de muros ou pedras.	LC		III		
Família Talpidae								
Talpa occidentalis	Toupeira	P	Grande diversidade de habitats, ocorre em solos profundos e escaváveis, como prados, pastagens, terras aráveis e jardins.	LC				
Ordem Chiroptera								
Família Rhinolophidae								
Rhinolophus hipposiderus	Morcego-de-ferradura-pequeno	P	Caça em áreas florestadas, podendo a matriz envolvente ter um complexo de zonas agrícolas e de matos. Caça também em sobre massas de água.	VU		II	II	II, IV
Família Vespertilionidae								
Myotis escalerai	Morcego-de-franja do Sul	P	Apresenta grande plasticidade ecológica, apesar de parecer preferir áreas de matos altos e bosquetes.	VU		II	II	IV
Pipistrellus pipistrellus	Morcego-anão	P	Usa áreas agrícolas, matos e zonas periurbana, normalmente na proximidade dos locais de abrigo.	LC		III	II	IV
Pipistrellus kuhli	Morcego de	P	Caça sobre uma grande diversidade de habitats, que inclui zonas de	LC		II	II	IV

Nome Científico	Nome Comum	PRES	Biótopo	Estatuto	CIN	Berna	Bona	Habitats
	Kuhl		campo aberto, prados, matos e até áreas urbanas.					
Família Miniopteridae								
Miniopterus schreibersii	Morcego-de-peluche	P	Caça em espaços abertos ou semiabertos, incluindo pastagens e zonas periurbanas.	VU		II	II	II, IV
Ordem Lagomorpha								
Família Leporidae								
Oryctolagus cuniculus	Coelho-bravo	CO	Pode ocorrer numa grande diversidade de habitats, mas prefere áreas de mosaico com vegetação natural (sobretudo com estrato arbustivo) e áreas abertas (prados e terrenos cultivados).	NT	Cin			
Lepus granatensis	Lebre	CO	Associada a áreas pouco declivosas e habitats abertos, tais como pomares. Foi observada durante o trabalho de campo na extrema oeste da UOPG 10.	LC		III		
Ordem Rodentia								
Família Muridae								
Microtus duodecimcostatus	Rato-cego-mediterrânico	P	Espécie típica de espaços abertos com influência mediterrânica. Ocorre em habitats naturais e agrícolas, com solos fáceis de escavar e elevado coberto de herbáceas.	LC				
Apodemus sylvaticus	Rato-do-campo	P	Bastante adaptável, utiliza áreas agrícolas e habitats associados ao Homem, mas prefere zonas com boa cobertura arbustiva.	LC				
Rattus rattus	Ratazana-preta	P	Ocorre numa variedade de habitats naturais e seminaturais, desde zonas com alguma cobertura (como matos) a áreas urbanas.	LC				
Mus musculus	Rato-caseiro	P	Ocorre em associação com homem desde campos agrícolas até ao interior de habitações.	LC				
Mus spretus	Rato-ruivo	P	Ocorre em biótopos áridos, tipicamente mediterrânicos e de baixa humidade, surge em áreas cultivadas e prados, mas evita áreas muito humanizadas.	LC				
Ordem Carnivora								
Família Canidae								
Vulpes vulpes	Raposa	CE	Ocupa todo o tipo de habitats desde meios florestais a áreas abertas, à proximidade de casas, embora mostre preferência por mosaicos.	LC	Cin			
Família Mustelidae								
Mustela nivalis	Doninha	P	Ocupa quase todo o tipo de habitats, com preferência por áreas agrícolas, embora evite campos muito abertos que não sejam atravessados por muros ou linhas de vegetação.	LC		III		

Nome Científico	Nome Comum	PRES	Biótopo	Estatuto	CIN	Berna	Bona	Habitats
Martes foina	Fuinha	P	Bem-adaptada ao mosaico de habitats mediterrânicos com alternância de prados, montado e áreas florestadas, tirando partido de afloramentos rochosos. Pode também ocorrer na proximidade de habitações.	LC		III		
Meles meles	Texugo	P	Ocupa preferencialmente paisagens agro-silvo-pastoris com sebes. Ocorre também em áreas suburbanas.	LC		III		
Família Viverridae								
Genetta genetta	Geneta	P	Espécie eclética, prefere habitats arborizados e com arbustos, preferencialmente com zonas rochosas. Evita as áreas mais abertas.	LC		III		V
Herpestes ichneumon	Sacarrabos	CE	Pode ocorrer numa grande variedade de habitats, mas está principalmente associado a zonas com estrato arbustivo denso.	LC		III		V
Ordem Artiodactyla								
Família Suidae								
Sus scrofa	Javali	CE	Espécie com grande plasticidade ecológica, ocorre numa grande diversidade de habitats, incluindo prados, áreas agrícolas, matagais.	LC	Cin			

Quadro 6. Lista das espécies de mamíferos inventariadas para a UOPG 10 – Meia Praia, Lagos

Elaborado pelo autor

Anexo VI - Emissão de poluentes atmosféricos no concelho de Lagos

Qualidade do Ar Concelho: Lagos		NOx (as NO2)	NMVOC	SOx (as SO2)	NH3	PM2.5	PM10	BC	CO	Pb	Cd	Hg	PCDD/ PCDF	PAH	HCB	PCB	CO2	CH4	N2O	F-Gases
	GNFR	kton	kton	kton	kton	kton	kton	kton	kton	ton	ton	ton	g I-Teq	ton	kg	kg	kton	kton	kton	kton CO2 e
2015	B_Industry	0,002	0,058	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,577	0,000	0,000	8,467
	C_OtherStationaryCom	0,014	0,044	0,003	0,006	0,056	0,058	0,006	0,313	0,003	0,001	0,000	0,060	0,027	0,000	0,000	8,937	0,026	0,001	-
	D_Fugitive		0,008														0,000	0,000		-
	E_Solvents	0,000	0,125	0,000	0,000	0,003	0,004	0,000	0,005	0,001	0,001	0,000	0,008	0,004			0,559	0,000	0,000	-
	F_RoadTransport	0,174	0,053	0,000	0,002	0,012	0,014	0,007	0,251	0,023	0,000	0,000	0,007	0,001	0,000	0,000	38,620	0,003	0,001	-
	I_Offroad	0,060	0,003	0,000	0,000	0,002	0,002	0,001	0,010	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	3,461	0,000	0,000	-
	J_Waste		0,003		0,003	0,001	0,001			0,000	0,000	0,000	0,014					0,194	0,002	-
	K_AgriLivestock	0,000	0,001		0,003	0,000	0,000											0,065	0,000	-
	L_AgriOther	0,003	0,005	0,000	0,016	0,002	0,002	0,000	0,026	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000			0,001	0,005	-
	N_Natural																			-
	Total	**0,254**	**0,301**	**0,004**	**0,030**	**0,076**	**0,083**	**0,013**	**0,606**	**0,027**	**0,002**	**0,000**	**0,090**	**0,033**	**0,001**	**0,000**	**52,154**	**0,289**	**0,010**	**8,467**
2017	B_Industry	0,002	0,055	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,569	0,000	0,000	9,401
	C_OtherStationaryCom	0,014	0,043	0,002	0,006	0,055	0,057	0,006	0,308	0,003	0,001	0,000	0,059	0,027	0,000	0,000	8,830	0,026	0,001	-
	D_Fugitive		0,010														0,000	0,000		-
	E_Solvents	0,000	0,123	0,000	0,000	0,002	0,003	0,000	0,004	0,002	0,001	0,000	0,013	0,006			0,544		0,000	-
	F_RoadTransport	0,172	0,048	0,000	0,002	0,011	0,014	0,006	0,221	0,023	0,000	0,000	0,006	0,001	0,000	0,000	41,083	0,003	0,001	-
	I_Offroad	0,043	0,003	0,000	0,000	0,001	0,001	0,000	0,008	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	2,645	0,000	0,000	-
	J_Waste		0,003		0,002	0,001	0,001			0,000	0,000	0,000	0,012					0,169	0,002	-
	K_AgriLivestock	0,000	0,001		0,003	0,000	0,000											0,069	0,000	-
	L_AgriOther	0,002	0,005	0,000	0,015	0,002	0,002	0,000	0,027	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,001			0,001	0,004	-
	N_Natural	0,000	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,011								0,040	0,001	0,000	-
	Total	**0,235**	**0,291**	**0,003**	**0,029**	**0,074**	**0,080**	**0,012**	**0,578**	**0,028**	**0,002**	**0,000**	**0,091**	**0,035**	**0,001**	**0,000**	**53,711**	**0,268**	**0,009**	**9,401**
2019	B_Industry	0,003	0,057	0,000	0,000	0,001	0,005	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,966	0,000	0,000	10,084
	C_OtherStationaryCom	0,014	0,042	0,002	0,006	0,054	0,055	0,005	0,299	0,003	0,001	0,000	0,058	0,026	0,000	0,000	8,771	0,025	0,001	-
	D_Fugitive		0,010														0,000	0,000		-
	E_Solvents	0,000	0,149	0,000	0,000	0,002	0,002	0,000	0,003	0,002	0,000	0,000	0,026	0,012			0,611		0,000	-
	F_RoadTransport	0,160	0,043	0,000	0,002	0,010	0,013	0,005	0,192	0,024	0,000	0,000	0,006	0,001	0,000	0,000	42,647	0,002	0,002	-
	I_Offroad	0,048	0,003	0,000	0,000	0,001	0,001	0,001	0,008	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	2,962	0,000	0,000	-
	J_Waste		0,002		0,002	0,001	0,001			0,000	0,000	0,000	0,012					0,147	0,002	-
	K_AgriLivestock	0,000	0,001		0,003	0,000	0,000											0,071	0,000	-
	L_AgriOther	0,003	0,005	0,000	0,015	0,002	0,002	0,000	0,026	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,001			0,001	0,005	-
	N_Natural																			-
	Total	**0,228**	**0,313**	**0,003**	**0,028**	**0,071**	**0,080**	**0,012**	**0,530**	**0,029**	**0,002**	**0,000**	**0,102**	**0,040**	**0,002**	**0,000**	**55,957**	**0,247**	**0,010**	**10,084**

Nota explicativa:
Aplicações de Revestimentos,
Gases Fluorados, Pasta e Papel, Alimentar e de Bebidas, Processamento de Madeira, Outra Produção.
. C_OtherStationaryComb: Combustão: Serviços, Doméstica, Agricultura e Pescas.
. D_Fugitive: Emissões Fugitivas
impressão, outros usos de
solventes, outros usos de produtos.
. F_RoadTransport: Transportes Rodoviários.
. I_Offroad: Transporte Ferroviário, Combustão Agricultura e Pescas, Aviação militar.
aproveitamento energético, Gestão
de Águas Residuais, Outros: incêndios nas áreas urbanas.
. K_AgriLivestock: Fermentação entérica, Gestão de Efluentes pecuários.
fertilizantes contendo
carbonatos.
. N_Natural: Incêndios florestais.

Anexo VII Qualidade visual

Integridade estrutural

A integridade estrutural das subunidades de paisagem representada na Figura 1, corresponde a uma medida sensorial que pondera a aproximação das suas características à matriz de referência paisagística. A valoração da integridade estrutural é efetuada a partir da vivência e experiência no terreno, refletindo a maior valoração a uma maior homogeneidade estrutural da SUP por oposição à menor valoração associada a subunidades menos distintas e de maior heterogeneidade de vivências.

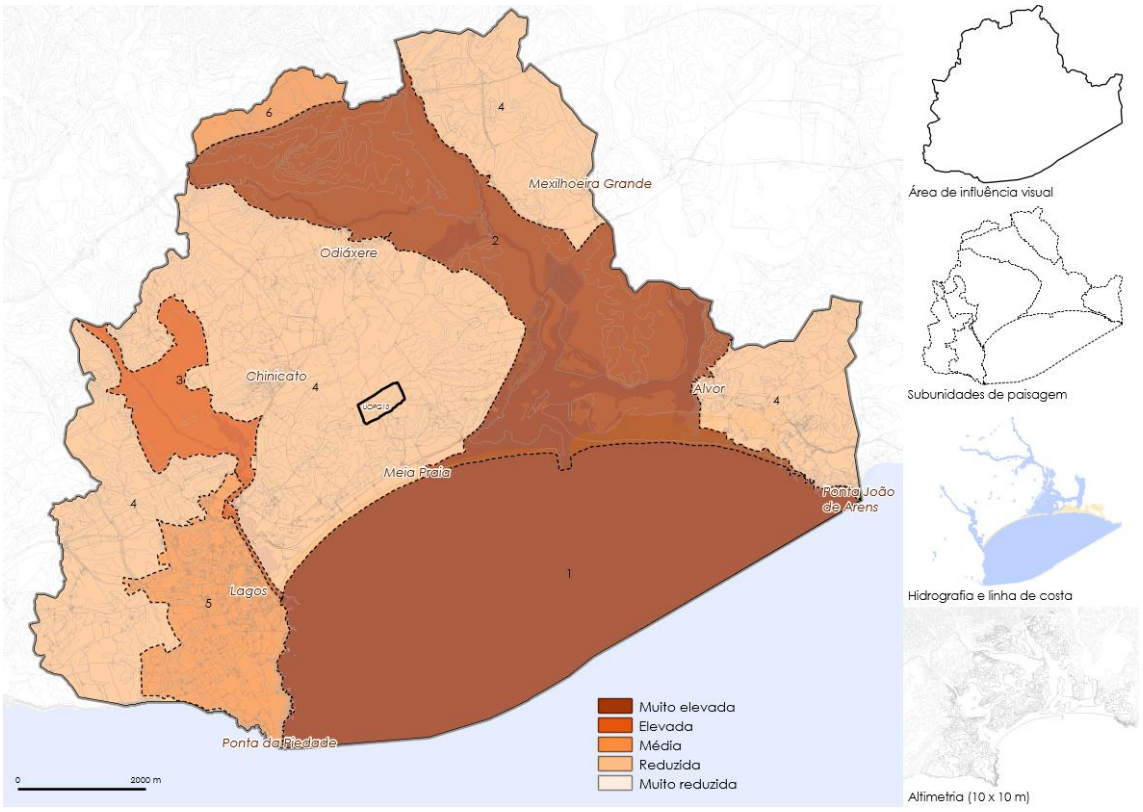


Figura 1. Integridade estrutural das SUP

Elaborado pelo Autor

Uso do Solo

O uso do solo, enquanto consolidação da expressão visual de uma determinada paisagem, é considerado como um aspeto central e determinante na aferição das agregações de carácter visual presentes no território, assumindo a sua ponderação um ascendente elevado no momento da aferição da QV. A ocupação do solo[Para a identificação da ocupação do solo na AIV utilizou-se a seguinte base cartográfica: Cobertura regular de ortofotos de 25 cm do território de Portugal Continental, de maio de 2018, cedida pela DGT; a Carta de Uso e Ocupação do Solo para 2018 elaborada pela DGT, com correção sobre o orto de informação não representada na sua totalidade, como as estradas. A nomenclatura adotada para as diferentes unidades baseia-se na legenda da COS 2018 que no seu nível de maior abrangência (N1) permite identificar 7 grandes classes que agregam 83 subclasses (N4). No âmbito da presente análise, considerou-se o grau de generalização da COS 2018 adequado à escala do estudo, uma vez que a informação geográfica é delimitada com base numa unidade mínima cartográfica com área igual superior a 1 ha, em que as manchas inferiores a este valor são generalizadas.] enquanto consolidação da expressão visual de uma determinada paisagem, é considerada como um aspeto central e determinante na aferição das agregações de carácter visual presentes no território, assumindo a sua ponderação um ascendente elevado no momento da aferição da QV. A avaliação da sua QV na AIV é fundamentada sobre o conhecimento empírico do território sendo, por isso, dotada de um carácter de maior subjetividade onde são considerados aspetos de natureza estética associados à ocupação do solo (aspetos naturais como a vegetação, o relevo ou presença de água, etc.), ao seu enquadramento de acordo com o horizonte visual ou fundo cénico, como sucede com a envolvente imediata, ou com as sensações decorrentes da vivência no território pelos visitantes ou residentes. A classificação da QV é efetuada em função do nível 4 (N4) da legenda da COS2018, o nível de maior detalhe, tendo por base o princípio de que ocupações do solo mais próximas da matriz de referência paisagística são privilegiadas por oposição a usos artificiais associados a desordem visual ou a impactes visuais significativos sobre o território, que são classificados com menor valor.

As diferentes ocupações do solo são representadas na Figura 2 , apresentando-se na Figura 3 a QV das ocupações identificadas.

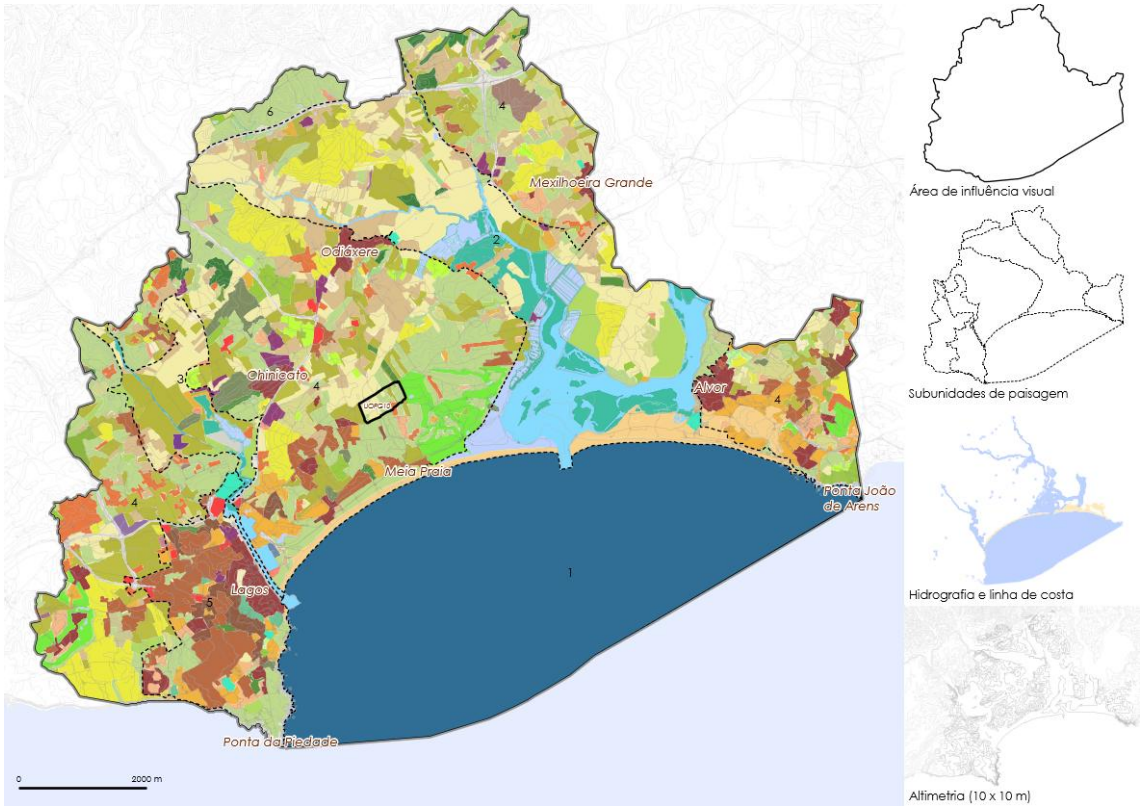


Figura 2. Uso do solo na AIV

Elaborado pelo Autor

A avaliação da QV do uso do solo é fundamentada sobre o conhecimento empírico do território sendo, por isso, dotada de um carácter de maior subjetividade onde são considerados aspetos de natureza estética associados à ocupação do solo (aspetos naturais como a vegetação, presença de água, etc.), e ao seu enquadramento de acordo com o horizonte visual ou fundo cénico, como sucede com a envolvente imediata.

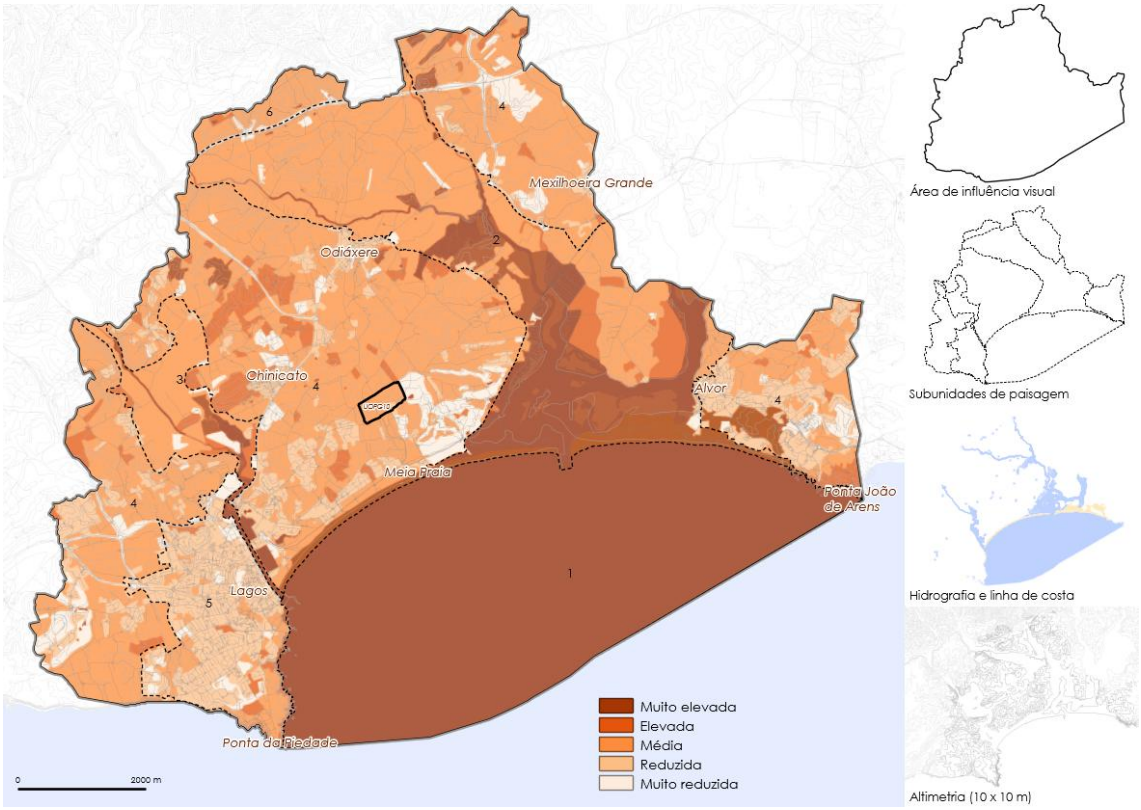


Figura 3. Qualidade visual do uso do solo na AIV

Elaborado pelo Autor

Na presente análise, a avaliação da QV dos usos identificados, representados na Figura 2 , é efetuada privilegiando-se a QV dos usos mais próximos da matriz de referência paisagística por oposição a usos artificiais associados a desordem visual ou

a impactes visuais significativos sobre o território. A Figura 3 apresenta a QV dos usos identificados[1].

Capacidade de apropriação visual

A capacidade de apropriação visual de um território encontra-se diretamente relacionada com a sua intervisibilidade, correspondente a uma propriedade deste em função do grau de visibilidade recíproca de todas as áreas analisadas entre si, valorizando-se a existência de amplas panorâmicas no horizonte visual de cada ponto do território. O seu valor é influenciado pela altitude relativa da área e pelo contraste de altitudes presentes em seu redor e a sua determinação efetua-se através de emissões visuais a partir de pontos notáveis de observação do território, selecionados em função da sua importância no contexto observado, podendo estes corresponder a vias de comunicação, cruzamentos rodoviários, miradouros ou outros pontos notáveis de uma dada paisagem ou de observação sobre a mesma.

1 Para a identificação dos usos do solo na AIV utilizou-se a seguinte base cartográfica: Cobertura regular de ortofotos de 25 cm do território de Portugal Continental, de maio de 2018, disponibilizada pela DGT; a Carta de Uso e Ocupação do Solo para 2018 elaborada pela DGT, com a correção sobre o orto de informação não representada na sua totalidade, como as estradas e o caminho de ferro. A nomenclatura adotada para as diferentes unidades baseia-se na legenda da COS 2018 que no seu nível de maior abrangência (N1) permite identificar 7 grandes classes que agregam 83 subclasses (N4).

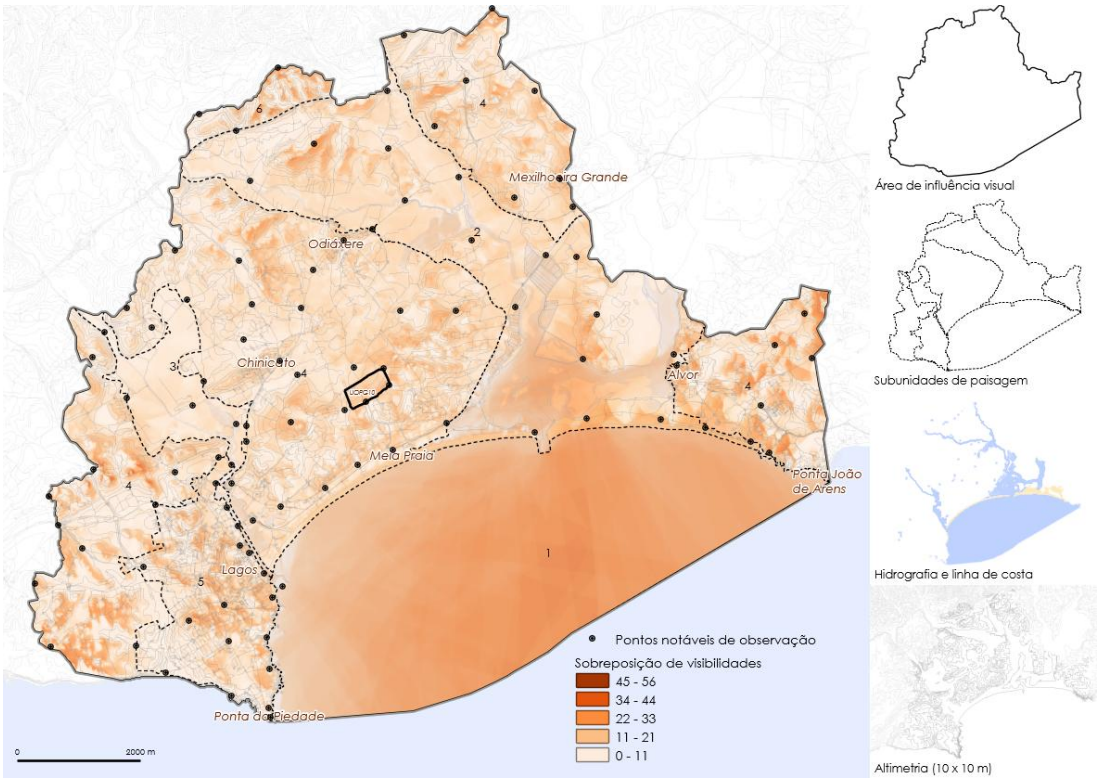


Figura 4. Sobreposição de visibilidades a partir dos pontos notáveis de observação na AIV

Elaborado pelo Autor

A seleção dos pontos notáveis de observação sobre o território associados à presença humana foi elaborada com base na representatividade/frequência de observadores associada tanto aos eixos rodoviários da área de referência, como a pontos específicos referentes a cruzamentos, áreas de observação da paisagem, como miradouros, ou áreas de interesse patrimonial. Após a sua identificação, dada a sua distribuição territorial, considerou-se não haver na área de estudo uma hierarquia de pontos de visualização que justificasse uma ponderação analítica diferenciada, sendo a mesma substituída pela densidade de marcação destes pontos, onde são identificados vários locais de acordo com a representatividade da presença humana e da capacidade de observação da paisagem, aferida de acordo com a Figura 4.

Os valores da sobreposição de visibilidades são agrupados de acordo com o método dos intervalos iguais, em que os limiares de cada intervalo são calculados de forma a que cada intervalo abranja aproximadamente a mesma parte do intervalo total de valores observados, nas cinco classes de valoração estabelecidas. A profundidade visual não é integrada no modelo de análise implementado, uma vez que a

sobreposição de *buffers* decorrentes de cada ponto interfere no resultado final (o *buffer* de um ponto visualizado a grande distância sobrepõe-se ao *buffer* de um ponto de um ponto visualizado a curta distância). A Figura 5 representa a capacidade de apropriação visual da AIV de acordo com as classes de QV da apropriação visual definidas a partir da visibilidade dos pontos de observação.

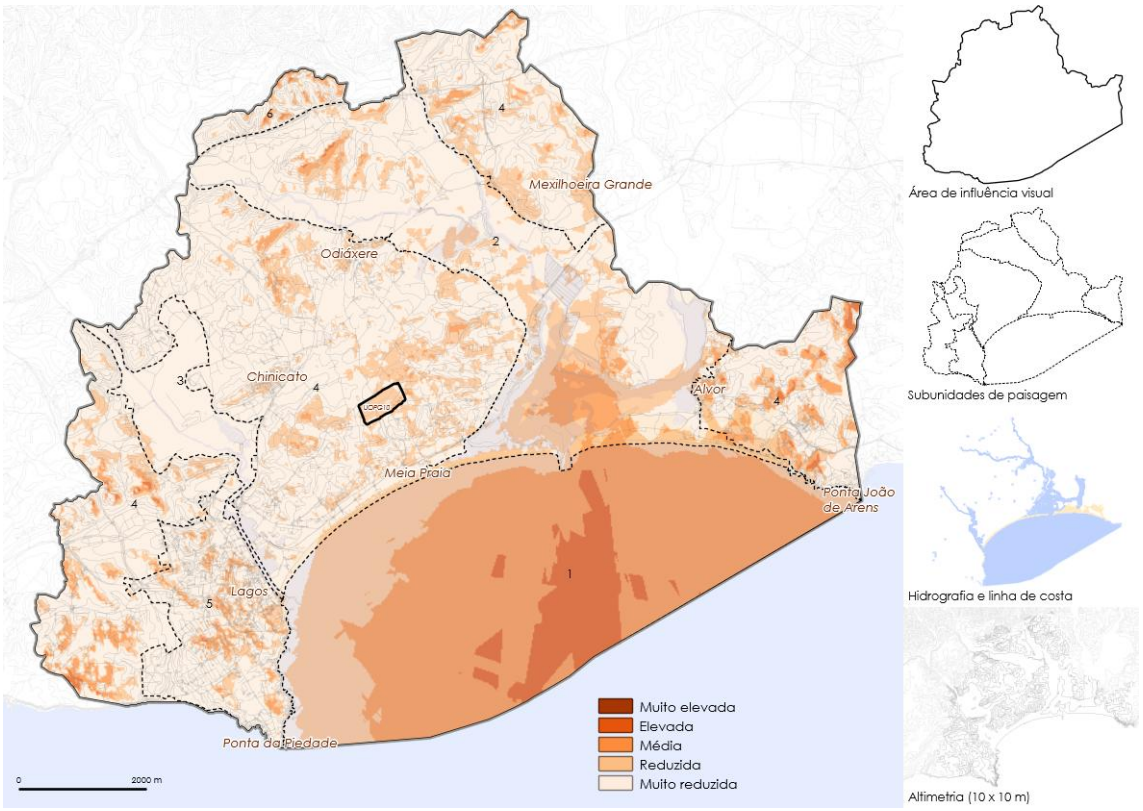


Figura 5. Capacidade de apropriação visual na AIV

Elaborado pelo Autor

Declive

O declive é interpretado como medida da variedade morfológica associada à diversidade paisagística do território, considerando-se que uma paisagem de relevo mais movimentado e pronunciado possui um valor superior a uma paisagem de maior homogeneidade de relevo e formas, dado possuir um maior número de referências focais que concentram a atenção do observador. A valoração do declive na AIV em função da sua QV é apresentada no Quadro com Ponderação (P) dos valores associados aos fatores do I_{QV} do subcapítulo "2.3.2.3. Qualidade visual" do relatório de caracterização e representada na Figura 6.

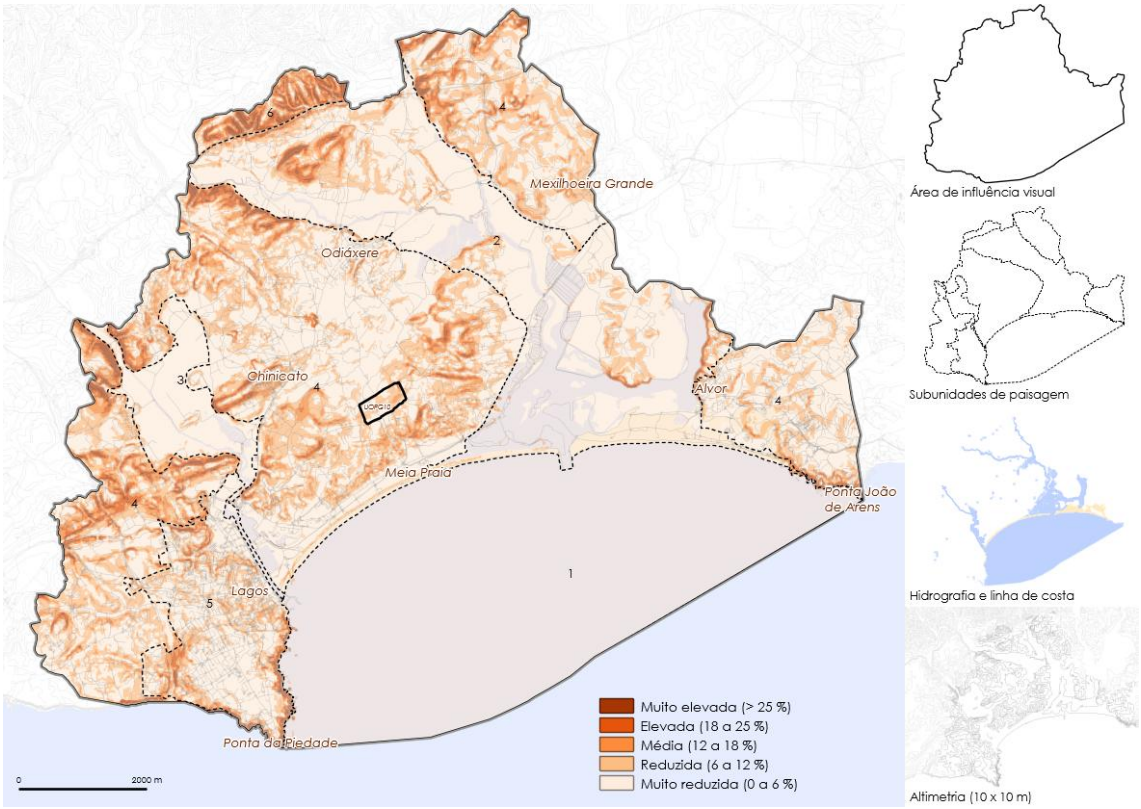


Figura 6. Qualidade visual do declive na AIV

Equipa de Projeto

Exposição de encostas

A exposição de encostas assume uma influência muito significativa na observação de uma paisagem, uma vez que quanto maior a exposição de um território à luminosidade solar, considerando as suas intensidade e duração, maior valor a QV assumirá, dado representar um acréscimo de zonas iluminadas para o observador. A valoração da exposição de encostas quanto à QV é apresentada no Quadro com Ponderação (P) dos valores associados aos fatores do I_{QV} do subcapítulo "2.3.2.3. Qualidade visual" do relatório de caracterização e representada na Figura 7.

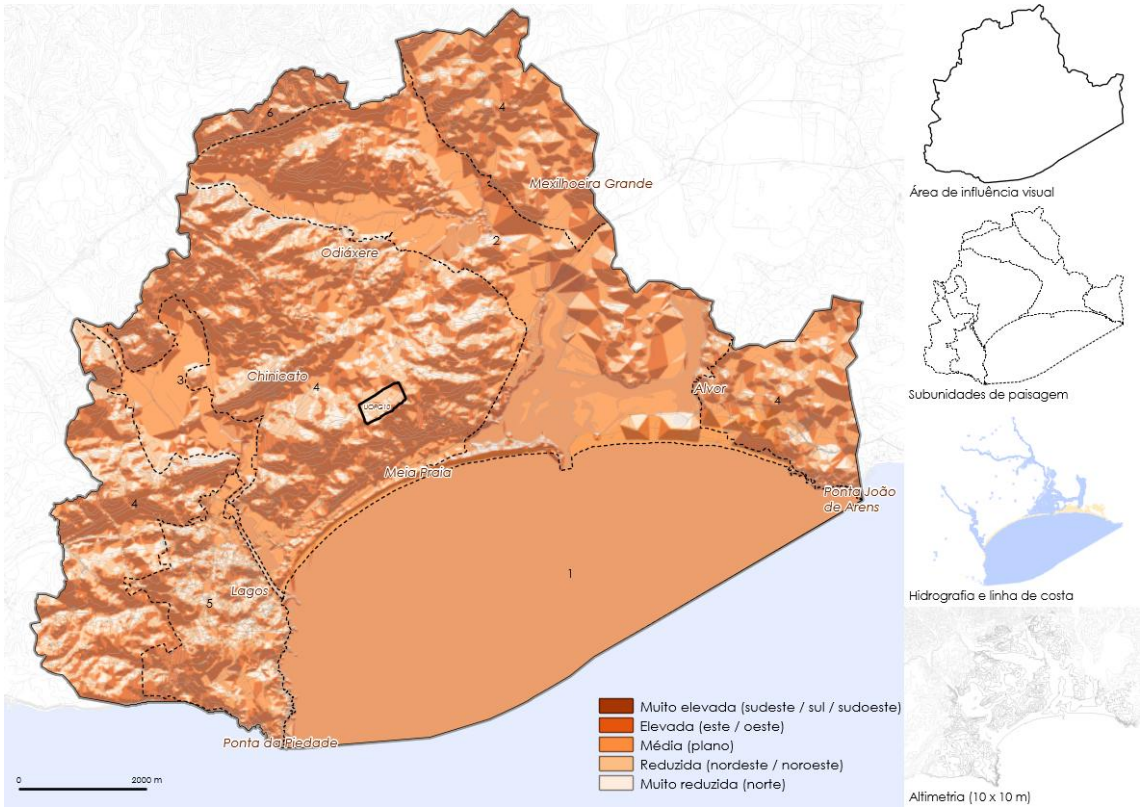


Figura 7. Qualidade visual da exposição de encostas na AIV

Elaborado pelo Autor

Proximidade ao oceano Atlântico

Na AIV a relação com o oceano Atlântico assume-se como um fator determinante na apreciação da qualidade visual das SUP identificadas. Tratando-se de um elemento estruturante da paisagem considera-se que as suas qualidades de fundo cénico, de

foco de atração visual ou de atenuação de impactes pelas características que se associam à vivência da sua proximidade (atividades, sons, movimento, cheiros) dependem da distância ao plano de água. A distância ao plano de água foi avaliada de acordo com a escala da profundidade visual mencionada para a capacidade de apropriação visual, tendo sido calculada sobre o relevo possibilitando uma tradução física da relação de proximidade não só visual como vivencial das zonas marítimas. A Figura 8 apresenta a valoração da proximidade ao oceano Atlântico para a aferição da QV na AIV (de acordo com o subcapítulo "2.3.2.3. Qualidade visual" do relatório de caracterização).

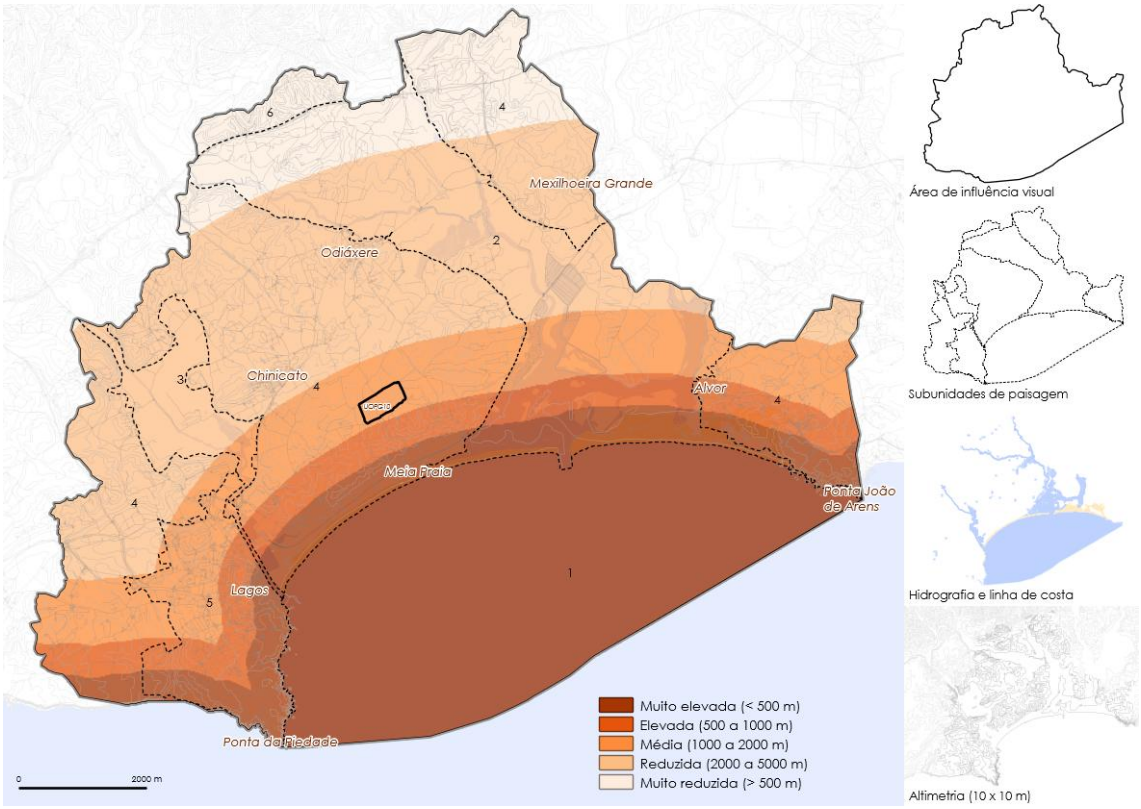


Figura 8. Qualidade visual em função da proximidade ao oceano Atlântico na AIV

Elaborado pelo Autor

Intrusões visuais

Na AIV foi identificada a existência de infraestruturas a cuja presença e impacte visual se associa desordem no horizonte visual de observação da paisagem. Estas estruturas representam disrupções significativas na vivência e observação da paisagem da AIV que são tanto maiores quanto a proximidade de observação à fonte de intrusão visual. A rede elétrica, constitui um obstáculo cuja presença se mantém muito para além da zona de implantação dos seus apoios, o mesmo sucedendo com o corte que a rede viária efetua com a matriz de referência, sendo visível em parte considerável das subunidades de paisagem descritas para a AIV, causando uma perturbação constante no fundo cénico.

Como forma de distinguir os vários planos de profundidade visual associados à observação de uma paisagem, a análise de visibilidade é complementada pela atribuição de um índice em função da distância entre o ponto de observação e o horizonte de observação. De acordo com estudos similares onde foi abordada a questão da profundidade visual (FABRIZZI e GARNERO, 2013; DE LA FUENTE DE VAL *et al.*, 2006; BRABYN e Mark, 2011), para a execução da presente análise, em função das especificidades do relevo e da experiência no local, adotaram-se os seguintes limiares de classificação da bacia de visibilidade em função da profundidade visual:

- Primeiro plano: com profundidade visual de 0 a 500 m, os componentes individuais da cena são distinguíveis e fatores multissensoriais intervêm (sons, cheiros);
- Segundo plano: com profundidade visual de 500 a 1000 m, os elementos individuais são percetíveis em comparação com o fundo;
- Plano intermédio: com profundidade visual 1000 a 2000 m, fundo é de interesse apenas em caso de dimensão relevante dos objetos ou elementos distintos;
- Plano intermédio secundário: de 2000 a 5000 m, corresponde a uma zona de valoração intermédia entre o plano intermédio e o fundo visual;
- Fundo visual: com profundidade visual superior a 5000 m, apenas se considera possuir interesse visual em caso de tamanho bastante relevante dos objetos como sucede com grandes infraestruturas de dimensão vertical significativa.

O índice de visibilidade destas intrusões visuais é obtido a partir do cruzamento dos intervalos da sobreposição de visibilidades associadas à rede de alta tensão e à A22,

que são agrupados de acordo com o método dos intervalos iguais[2] nas cinco classes de valoração estabelecidas, com o fator de ponderação aferido pelo processo analítico hierárquico abordado, associado aos intervalos referidos para a profundidade visual, cuja metodologia é descrita no Anexo VI – Processo analítico hierárquico. A valoração da visibilidade associada às intrusões visuais identificadas é apresentada no referido anexo. A Figura 9 apresenta a visibilidade associada à A22 e a Figura 10 identifica a valoração da visibilidade da rede de alta tensão.

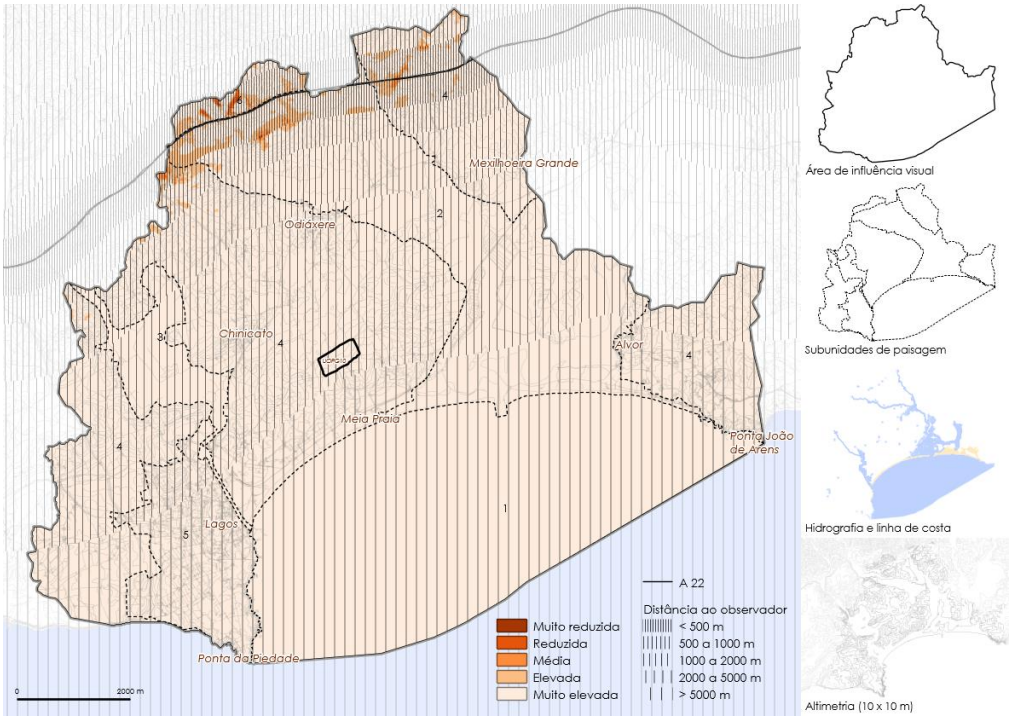


Figura 9. Qualidade visual em função da visibilidade da A22 na AIV

Elaborado pelo Autor

2 Os limiares de cada intervalo são calculados de forma a que cada intervalo abranja aproximadamente a mesma parte do intervalo total de valores observados.

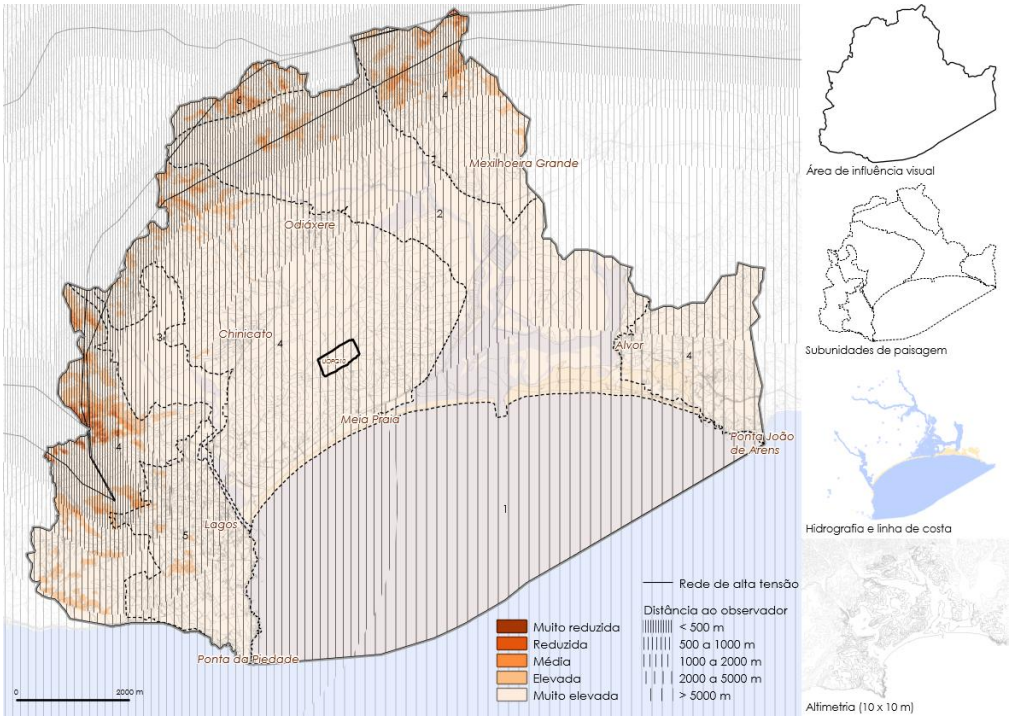


Figura 10. Qualidade visual em função da visibilidade da rede de alta tensão na AIV

Elaborado pelo Autor

Anexo VIII Processo analítico hierárquico

Processo Analítico Hierárquico (PAH)

O PAH estrutura-se em duas etapas: estruturação e avaliação. A primeira etapa, de estruturação, desenvolvida no capítulo referente à caracterização da Paisagem envolve a análise do tema em estudo quanto aos fatores envolvidos, as relações entre estes e os objetivos que intervêm na decisão, relacionando-se a segunda, a de avaliação, essencialmente, com a comparação dos fatores dois a dois, possibilitando-se a aferição das importâncias relativas de cada. É nesta última fase que é ponderada a importância relativa de cada fator.

Julgamento de fatores

A partir da construção de uma matriz quadrada, representada no Quadro 7avalia-se a importância relativa de um fator sobre outro, utilizando-se para esta finalidade a Escala Fundamental de Saaty (1987) representada no Quadro 8, em que a quantificação dos julgamentos é efetuada através de uma escala de valores que varia de 1 a 9.

Fatores	F1	F2	F3	…	Fn	Wi
F1	$1/\sum F_1$	$W21/\sum F_2$	$W31/\sum F_3$	…	$Wn1/\sum F_n$	$\sum F_1/_n$
F2	$12/\sum F_1$	$2/\sum F_2$	$W32/\sum F_3$	…	$Wn2/\sum F_n$	$\sum F_2/_n$
F3	$13/\sum F_1$	$W23/\sum F_2$	$3/\sum F_3$	…	$Wn3/\sum F_n$	$\sum F_3/_n$
…				…		
Fn	$W1n/\sum F_1$	$W2n/\sum F_2$	$W3n/\sum F_3$	…	$1/\sum F_n$	$\sum F_n/_n$
	$\sum F_1$	$\sum F_2$	$\sum F_3$	…	$\sum F_n$	

Quadro 7. Matriz de comparações e cálculo do autovetor (Wi) ou vetor de prioridades

Fonte: adaptado de Saaty, 1987 e Ramos, 2012

Intensidade de importância escala absoluta	Definição	Explicação
1	Igual importância.	Dois fatores contribuem igualmente para o objetivo.
3	Importância moderada de uma sobre a outra.	A experiência e julgamento favorecem ligeira a moderadamente um fator em detrimento de outro.

Intensidade de importância escala absoluta	Definição	Explicação
5	Importância essencial ou forte.	A experiência e o julgamento favorecem fortemente um fator em detrimento de outro.
7	Importância muito forte.	Um fator é fortemente favorecido e a sua preponderância é demonstrada na prática.
9	Extrema importância.	A evidência que favorece um fator em detrimento de outro é da mais alta ordem possível de afirmação.
2, 4, 6, 8	Valores intermediários entre dois julgamentos adjacentes.	Quando é necessário compromisso entre julgamentos.
Recíprocos	Se à atividade i for atribuído um dos números acima quando comparada com a atividade j, então j terá o valor recíproco quando comparada com i (valores opostos).	

Quadro 8. Escala fundamental de comparações entre fatores

Fonte: Adaptado de Saaty, 1987

Na comparação para a par (F_i F_j) os pesos dos fatores são definidos de acordo com a análise e julgamento do decisor e com base na Escala Fundamental de Saaty.

Após o preenchimento da matriz de comparação é efetuado o cálculo do autovalor e do correspondente autovetor, que atribuirá a ordem de prioridade e a hierarquia dos fatores analisados. Considera-se este resultado determinante na avaliação da suscetibilidade ao movimento de vertentes, pois será usado para atribuir a importância relativa de cada fator considerado e para definir a sua hierarquização.

A verificação da consistência, ou da qualidade da solução obtida (Ramos, 2012), constitui uma das vantagens associadas a este método, sendo possibilitada pelo cálculo do autovalor. De acordo com a mesma fonte, Wij corresponde à avaliação quantificada do par de características F_i, F_j e é definido pelas seguintes regras:

- Se $Wij = a$, então $Wji = {}^{1}/_{a}, a \neq 0$;
- Se C_i é considerado como de igual importância relativa a C_j, então $Wij = 1$, $Wji = 1$ e $Wii = 1$ para todo o i.

Para a aferição do autovetor de cada fator divide-se o somatório de cada linha pelo número de fatores analisados na matriz. O autovetor da matriz pode ser estimado pela seguinte fórmula:

$$Wi = \left(\prod_{j-1}^{n} wij \right)^{1/n}$$

O autovetor (W) deverá ser normalizado (T) para que o somatório dos seus elementos seja igual à unidade (Ramos, 2012), efetuando-se o cálculo da proporção de cada elemento em relação à soma, com o objetivo de quantificar e ponderar a importância de cada um dos critérios.

$$T = \left| {}^{W1}/_{\sum Wi} \;\; {}^{W2}/_{\sum Wi} \cdots \; {}^{Wn}/_{\sum i} \right|$$

Análise da consistência de julgamentos

A integridade, qualidade ou coerência dos julgamentos é, de acordo com Faria (2011) efetuada através do cálculo do autovalor, podendo esta análise ser designada por "análise de sensibilidade", permitindo concluir se os julgamentos estão logicamente relacionados. Para o cálculo do autovalor, Saaty (1990) indica o seguinte procedimento:

a) Cálculo inicial do autovalor máximo λ_{max}: A consistência de uma matriz positiva recíproca requer que o λ_{max} seja igual ao número de linhas (ou colunas) da matriz de comparação de pares de fatores n (número que representa a ordem da matriz). Quanto mais próximo λ_{max} for de n, maior consistência assumirá o resultado. O autovalor é calculado através da expressão a seguir indicada:

$$\lambda_{max} = T \,.\, W$$

em que T é o autovetor normalizado e W corresponde à soma das colunas da matriz de comparações para cada fator.

b) Cálculo do índice de consistência (IC): O IC de uma matriz de comparação de pares de fatores indica o grau de afastamento do valor teórico esperado n. Este desvio é dado pela expressão $(\lambda_{max} - n)$, sendo a diferença medida pelo número de graus de liberdade da matriz $(n-1)$. De acordo com Saaty (1990), o índice de consistência é definido pelo seguinte cálculo.

$$IC = \frac{(\lambda_{max} - n)}{(n-1)}$$

c) Cálculo da razão de consistência (RC): Saaty (1980 citado por Faria, 2011) calculou o índice de consistência aleatória (CA) para uma amostra de 500 matrizes recíprocas positivas de ordem até 11 por 11 recíprocas (gerada aleatoriamente usando a escala 1 / 11, 1 / 10,… 1,… 10, 11) com o objetivo de aferir uma razão de consistência (RC) com valor igual ou inferior a 0,1. Sublinha-

se que a aferição de valores superiores aconselha a revisão das comparações efetuadas. A razão de consistência é indicada pela seguinte equação.

$$RC = \frac{IC}{CA}$$

n	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
CA	0,0	0,0	0,58	0,90	1,12	1,24	1,32	1,41	1,45	1,49	1,51

Quadro 9. Índice de consistência aleatória médio em função da ordem da matriz

Fonte: Saaty,1991; 2003

Valoração global

A valoração global, de acordo com Saaty (1980), de cada um dos fatores é aferida através do método da soma ponderada de acordo com a seguinte equação.

$$V_f = \sum_{j=1}^{n} p_j \, v_j \, (a) \text{ com } \sum_{j=1}^{n} = 1 \text{ e } 0 < p_j < 1 \; (j = 1, \ldots n)$$

em que: V_f representa o valor global do fator analisado; p_j corresponde à importância relativa do critério, e v_j traduz o nível de preferência do fator analisado no critério j .

De acordo com Ensslin (citado por Faria, 2012), num modelo estável, bem estruturado, pequenas variações na atribuição de pesos não alteram significativamente os resultados.

Aplicação do PAH à QV

O Quadro 10 apresenta a matriz de comparação entre os fatores considerados relevantes para a qualidade visual da AIV.

Fator	Integridade estrutural da UP	Uso do solo	Apropriação visual	Declive	Exposição de encostas	Proximidade ao oceano atlântico	Visibilidade da A22	Visibilidade da rede viária
Integridade estrutural da UP	1	1	3	3	3	5	8	9
Uso do solo	1	1	3	3	3	5	8	9
Apropriação visual	1/3	1/3	1	1	1	4	7	8
Declive	1/3	1/3	1	1	1	3	7	8
Exposição de encostas	1/3	1/3	1	1	1	3	7	8
Proximidade ao oceano atlântico	1/5	1/5	1/4	1/3	1/3	1	7	8

Fator	Integridade estrutural da UP	Uso do solo	Apropriação visual	Declive	Exposição de encostas	Proximidade ao oceano atlântico	Visibilidade da A22	Visibilidade da rede viária
Visibilidade da A22	1/8	1/8	1/7	1/7	1/7	1/7	1	1
Visibilidade da rede viária	1/9	1/9	1/8	1/8	1/8	1/8	1	1
Soma	**3,44**	**3,44**	**9,52**	**9,60**	**9,60**	**21,27**	**46,00**	**52,00**

Quadro 10. Matriz de comparações dos fatores em estudo

O Quadro 11 identifica os valores resultantes do IC e da RC para os fatores identificados de acordo com os intervalos de CA presentes no Quadro 10. O valor aferido para a RC é de 0,06, o que representa um valor inferior a 0,1 (ou 10 %) e permite concluir que houve consistência nos julgamentos efetuados.

Fator	Integridade estrutural da UP	Uso do solo	Apropriação visual	Declive	Exposição de encostas	Proximidade ao oceano atlântico	Visibilidade da A22	Visibilidade da rede viária
Integridade estrutural da UP	0,263	0,263	0,376	0,358	0,358	0,353	0,165	0,170
Uso do solo	0,263	0,263	0,376	0,358	0,358	0,353	0,165	0,170
Apropriação visual	0,088	0,088	0,125	0,119	0,119	0,283	0,145	0,151
Declive	0,088	0,088	0,125	0,119	0,119	0,212	0,145	0,151
Exposição de encostas	0,088	0,088	0,125	0,119	0,119	0,212	0,145	0,151
Proximidade ao oceano atlântico	0,053	0,053	0,031	0,040	0,040	0,071	0,145	0,151
Visibilidade da A22	0,033	0,033	0,018	0,017	0,017	0,010	0,021	0,019
Visibilidade da rede viária	0,029	0,029	0,016	0,015	0,015	0,009	0,021	0,019
Fatores *n*	8							
λ_{max}	8,552							
IC	0,079							
CA	**1,41**							
RC	**0,056**	**< 0,1 %**						

Quadro 11. Cálculo do índice e da razão de consistência.

O Quadro 12 identifica os resultados do cálculo da matriz de comparação normalizada e do autovetor normalizado.

Fator	Integridade estrutural da UP	Uso do solo	Apropriação visual	Declive	Exposição de encostas	Proximidade ao oceano atlântico	Visibilidade da A22	Visibilidade da rede viária	Soma	Wi
Integridade estrutural da UP	0,29	0,29	0,32	0,31	0,31	0,24	0,17	0,17	2,10	**0,263**
Uso do solo	0,29	0,29	0,32	0,31	0,31	0,24	0,17	0,17	2,10	**0,263**
Apropriação visual	0,10	0,10	0,11	0,10	0,10	0,19	0,15	0,15	1,00	**0,125**
Declive	0,10	0,10	0,11	0,10	0,10	0,14	0,15	0,15	0,95	**0,119**
Exposição de encostas	0,10	0,10	0,11	0,10	0,10	0,14	0,15	0,15	0,95	**0,119**
Proximidade ao oceano atlântico	0,06	0,06	0,03	0,03	0,03	0,05	0,15	0,15	0,57	**0,071**
Visibilidade da A22	0,04	0,04	0,02	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,17	**0,021**
Visibilidade da rede viária	0	0,03	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,15	**0,019**
Soma	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**8,00**	**1,00**

Quadro 12. Matriz de comparação normalizada e autovetor normalizado dos fatores.

Aplicação do PAH à profundidade visual

O Quadro 13 apresenta a matriz de comparação entre os fatores (intervalos de distância) considerados relevantes para a profundidade visual da AIV.

Fator	**0 a 500 m**	**500 a 1000 m**	**1000 a 2000 m**	**2000 a 5000 m**	**> 5000 m**
0 a 500 m	1	2	4	7	9
500 a 1000 m	1/2	1	2	5	9
1000 a 2000 m	1/4	1/2	1	3	6
2000 a 5000 m	1/7	1/5	1/3	1	3
> 5000 m	1/9	1/9	1/6	1/3	1
Soma	**2,00**	**3,81**	**7,50**	**16,33**	**28,00**

Quadro 13. Matriz de comparações dos fatores em estudo.

O Quadro 14 identifica os valores resultantes do IC e da RC para os fatores identificados de acordo com os intervalos de CA presentes no Quadro 13. O valor

aferido para a RC é de 0,06, o que representa um valor inferior a 0,1 (ou 10%) e permite concluir que houve consistência nos julgamentos efetuados.

Fator	0 a 500 m	500 a 1000 m	1000 a 2000 m	2000 a 5000 m	> 5000 m
0 a 500 m	0,461	0,562	0,630	0,471	0,293
500 a 1000 m	0,231	0,281	0,315	0,337	0,293
1000 a 2000 m	0,115	0,141	0,157	0,202	0,196
2000 a 5000 m	0,066	0,056	0,052	0,067	0,098
> 5000 m	0,051	0,031	0,026	0,022	0,033
Fatores *n*	5				
λ_{max}	5,129				
IC	0,032				
CA	1,12				
RC	**0,029**	**< 0,1 %**			

Quadro 14. Cálculo do índice e da razão de consistência.

O Quadro 15 identifica os resultados do cálculo da matriz de comparação normalizada e do autovetor normalizado.

Fator	0 a 500 m	500 a 1000 m	1000 a 2000 m	2000 a 5000 m	> 5000 m	Soma	Wi
0 a 500 m	0,50	0,52	0,53	0,43	0,32	2,31	0,461
500 a 1000 m	0,25	0,26	0,27	0,31	0,32	1,41	0,281
1000 a 2000 m	0,12	0,13	0,13	0,18	0,21	0,79	0,157
2000 a 5000 m	0,07	0,05	0,04	0,06	0,11	0,34	0,067
> 5000 m	0,06	0,03	0,02	0,02	0,04	0,16	0,033
Soma	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**1,00**	**5,00**	**1,00**

Quadro 15. Matriz de comparação normalizada e autovetor normalizado dos fatores.

Anexo IX Património

PATA (prospeção)

Ofício n.º S-2022/572011 (C.S:1561133), de 11/01/2022

Procº n.º DRCAlg/2021/08-07/68/PATA/18447 (C.S:221705)

PATA para realização de trabalhos arqueológicos da categoria C (prospeção) no âmbito de descritor Património Cultural de Plano de Pormenor

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

cult alg
Direção Regional de Cultura do Algarve

expediente.geral@cm-lagos

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Lagos
Praça do Município Edº Paços do Concelho Séc. XXI, -
8600-293 Lagos

Sua referência	Sua comunicação		
		Ofício n.º	S-2022/572011 (C.S:1561133)
		Data	11/01/2022
		Procº n.º	DRCAlg/2021/08-07/68/PATA/18447 (C.S:221705)
		Cód.Manual	

Assunto: PATA (prospeção) - Plano de Pormenor da UOPG10 do Plano de Urbanização da Meia Praia - descritor Património Cultural
UOPG10 do PUMP Meia Praia (Odiáxere, Lagos)

Requerente: Paula Cristina Martins Barreira Abranches / Sandra Maria Salazar Ribeiro Ralha / Heloísa Isabel Ribeiro Valente dos Santos

Comunico a V. Ex.ª que por despacho do Sr. Diretor Geral da DGPC, de 11/01/2022, foi emitido parecer **Favorável** sobre o processo acima referido, de acordo com os termos da informação em anexo.

A presente apreciação fundamenta-se nas disposições conjugadas da Lei n.º107/2001, de 8 de setembro, do Decreto-Lei nº 164/97, de 27 de junho, do Decreto-Lei n.º 164/2014 de 4 de novembro, do Decreto-Lei nº 114/2012 de 25 de maio, e no Decreto-Lei nº 115/2012 de 25 de maio.

Com os melhores cumprimentos.

O Diretor de Serviços dos Bens Culturais

Assinado por : **RUI JORGE ZACARIAS PARREIRA**
Num. de Identificação: BI023618914
Data: 2022.03.14 08:39:32+00'00'

Rui Parreira

Direção Regional de Cultura do Algarve
Rua Professor António Pinheiro e Rosa, n.º 1, 8005-546 FARO
TEL 289 896 070 FAX 289 896 071 EMAIL geral@cultalg.gov.pt www.cultalg.gov.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

cult alg
Direção Regional de Cultura do Algarve

Assunto : PATA para realização de trabalhos arqueológicos da categoria C (prospeção) no âmbito de descritor Património Cultural de Plano de Pormenor

Requerente : Paula Cristina Martins Barreira Abranches / Sandra Maria Salazar Ribeiro Ralha / Heloísa Isabel Ribeiro Valente dos Santos

Local : Lagos – UOPG10 do PU da Meia Praia, Odiáxere

Servidão Administrativa : Inexistente
Património Arqueológico: Carta Arqueológica do Município de Lagos – cf. PDM de Lagos, Aviso n.º 9904/2015, Diário da República, 2.ª série, N.º 169, 31/08/2015

Inf. n.º:	S-2021/570763 (C.S:1557862)	**Cód. Manual**	210489
N.º Proc.:	DRCAlg/2021/08-07/68/PATA/18447 (C.S:221705)	**Data Ent. Proc.:**	17/05/2021

Diretor Geral João Carlos Santos a 11/01/2022

Aprovo.

Diretor de Serviços dos Bens Culturais Rui Jorge Zacarias Parreira a 11/06/2021

Concordo. Por delegação de competências da Diretora Regional de Cultura do Algarve, nos termos do seu Despacho n.º 4126/2020, de 28 de fevereiro de 2020 (DR, 2.ª série, n.º 67, de 03/04/2020), proponho à DGPC a concessão da autorização requerida.

Data: 07/06/2021
Técnico: Ângela Ferreira (arqueóloga)

1. *Enquadramento legal*

A presente apreciação fundamenta-se nas disposições da legislação em vigor, nomeadamente:

- Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural.
- Resolução da Assembleia da República n.º 71/97, de 9 de outubro de 1997, que aprova a Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico (revista), aberta à assinatura em La Valetta, Malta, em 16 de Janeiro de 1992.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 102/2007, de 24 de Maio, que aprova o Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve (DR, 1.ª série, n.º 149, de 03/08/2007);
- Decreto-Lei n.º 115/2012 de 25 de maio, que cria a Direção-Geral do Património Cultural;
- Portaria n.º 223/2012 de 24 de julho, que estabelece a estrutura nuclear da Direção-Geral do Património Cultural;
- Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de maio, que reorganiza as direções regionais de cultura.

Direção Regional de Cultura do Algarve
Rua Professor António Pinheiro e Rosa, n.º 1, 8005-546 FARO
TEL 289 896 070 FAX 289 896 071 EMAIL geral@cultalg.gov.pt www.cultalg.gov.pt

- Portaria n.º 227/2012, de 3 de agosto, que estabelece a estrutura nuclear da Direção Regional de Cultura do Algarve e define as competências das respetivas unidades orgânicas nucleares.
- Decreto-Lei n.º 164/2014, de 04 de novembro, que publica o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos.
- Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, que estabelece o Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial (RJIGT).

2. *Âmbito*

Na prossecução da missão e das atribuições cometidas à DRCAlgarve pela alínea i) do n.º 3 do art.º 2º do Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de maio, e nos termos da alínea l) do n.º 3 do art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio, a DRCAlgarve emite o competente parecer instrutório acerca do pedido de autorização para a realização de trabalhos arqueológicos da categoria C (prospeção) no local acima referido, sob a responsabilidade de Paula Cristina Martins Barreira Abranches, Sandra Maria Salazar Ribeiro Ralha e Heloísa Isabel Ribeiro Valente dos Santos, enquadrada pela entidade Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica, Lda. e contratada por Geotraço – Urbanismo, Arquitetura e Reabilitação, Lda..

3. *Antecedentes processuais*

Não existem antecedentes relativos a este processo nesta Direção Regional.

4. *Situação de referência / Análise da envolvente*

4.1. Pretende o promotor realizar Plano de Pormenor da UOPG10 do PU da Meia Praia.

4.2. A pretensão localiza-se parcialmente na zona de sensibilidade arqueológica de "Palmares", de acordo com o PDM de Lagos e o Regulamento do Plano de Urbanização da Meia Praia.

5. *Caracterização da Pretensão*

5.1. A intervenção tem como objetivo realizar trabalhos da categoria C para cumprimento de condicionantes de licenciamento de obras.

5.2. No terreno, pretende o requerente efetuar prospeção arqueológica, segundo método de *fieldwalking*.

5.3. Verifica-se que a intervenção requerida não é intrusiva no subsolo.

5.4. Os trabalhos estão agendados para se iniciarem em Junho de 2021.

6. *Adequação aos instrumentos de gestão territorial e regulamentos vigentes*

6.1. Verifica-se que a proposta tem em conta as orientações estratégicas de base territorial e os objetivos operativos do PROT-Algarve, aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 102/2007, de 24 de Maio (DR, 1.ª série, n.º 149, de 03/08/2007), no domínio da salvaguarda e valorização do Património Cultural Histórico-Arqueológico.

7. *Análise e mérito da Pretensão: aspetos formais*

7.1. O requerimento encontra-se corretamente instruído pelos requerentes com proposta de Plano de Trabalhos, conforme o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos anexo ao Decreto-Lei 164/2014, de 04 de Novembro.

7.2. O requerente propõem efetuar o depósito provisório do espólio que eventualmente, venha a ser recolhido no museu, aquando da apresentação do Relatório Final da intervenção.

7.3. O requerente tem dado cumprimento ao previsto no n.º 10 do Artigo 5º e do n.º 2 e 3 do Artigo 14º (as obrigações fixadas em anteriores autorizações e entrega de Relatórios).

Direção Regional de Cultura do Algarve
Rua Professor António Pinheiro e Rosa, n.º 1, 8005-546 FARO
TEL 289 896 070 FAX 289 896 071 EMAIL geral@cultalg.gov.pt www.cultalg.gov.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
cult alg
Direção Regional de Cultura do Algarve

8. *Análise e mérito da Pretensão: adequação às condicionantes arqueológicas*

8.1. Como medida preventiva de eventual afetação sobre património arqueológico não classificado, pretende o requerente executar, a expensas do promotor, os trabalhos arqueológicos necessários à salvaguarda do património arqueológico através do registo científico das áreas arqueológicas abrangidas pelo Plano.

8.2. A metodologia específica de prospeção é adequada à especificidade do sítio e está em condições de poder ser aceite.

8.3. A equipa técnica é conforme à experiência e credenciação necessárias para poder assumir a direção dos trabalhos previstos.

8.4. Com a apresentação do Relatório Final, deverá o requerente depositar provisoriamente a totalidade do espólio procedente dos trabalhos efetuados, devidamente acompanhado pelos registos que possibilitam a sua contextualização no museu municipal, por se tratar do museu geograficamente mais próximo credenciado na RPM.

9. *Procedimentos complementares e condicionantes da intervenção requerida*

9.1. Os trabalhos no terreno não poderão ser iniciados sem que o requerente confirme, com a possível antecedência, a data de início dos trabalhos no terreno, notificando a DRCAlgarve através do endereço eletrónico arqueologia@cultalg.pt e o setor de Arqueologia da CM de Lagos.

9.2. A ulterior monitorização e controlo dos trabalhos arqueológicos constitui competência da DRCAlgarve, nos termos da alínea j) do n.º 3 do art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de maio.

9.3. Os resultados deverão ser apresentados em Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos em conformidade com o disposto no Decreto-Lei n.º 164/2014, de 04 de novembro, podendo ser antecipados em Relatório Preliminar sujeito à aprovação da administração patrimonialmente competente e tendo em conta, nomeadamente, o disposto no n.º 2 do art.º 79.º da Lei 107/2001, de 8 de setembro.

10. *Proposta de decisão*

Face ao exposto, parece de propor à Direção-Geral do Património Cultural a aprovação do Plano de Trabalhos e a concessão da respetiva autorização sob a responsabilidade técnica de Paula Cristina Martins Barreira Abranches, Sandra Maria Salazar Ribeiro Ralha e Heloísa Isabel Ribeiro Valente dos Santos.

Direção Regional de Cultura do Algarve
Rua Professor António Pinheiro e Rosa, n.º 1, 8005-546 FARO
TEL 289 896 070 FAX 289 896 071 EMAIL geral@cultalg.gov.pt www.cultalg.gov.pt

Fichas de caracterização

N.º	EP1
Designação	Palmares 4 (CNS34354)
Localização	Odiáxere Lat. 37°7'40.22"N Long. 8°39'4.69"W
Fonte	Bibliografia / Prospeção
Período Cronológico	Medieval islâmico / Moderno / Contemporâneo
Categoria	Sítio arqueológico Edifício e estruturas construídas residencial
Tipo	Casa; Casal rústico
Classificação/Proteção	Inventariado

Notas

O sítio foi alvo de sondagens e acompanhamento arqueológicos em 2010 no âmbito da construção da Via V9B, tendo sido escavados 3 silos, com espólio cerâmico de cronologia medieval islâmica. Atualmente à superfície identificam-se alguns fragmentos cerâmicos, mas não dessa cronologia, dado que os contextos escavados são negativos, logo dificilmente identificáveis a cotas superiores. Registe-se que no lado oposto da via, são já mais frequentes a presença de materiais, possivelmente romanos, relacionados com o sítio arqueológico EP2 Quinta das Noras (CNS 32508).

Em relação à casa e respetivos anexos, encontra-se em estado de abandono e ruína, sendo grande parte do seu aparelho construído em taipa e possuindo uma cisterna quadrangular situada entre a habitação e a via.

N.º	**EP2**
Designação	Quinta das Noras 1 (CNS 32508)
Localização	Odiáxere Lat. 37° 7'29.26"N Long. 8°38'58.74"W
Fonte	Bibliografia / Prospeção
Período Cronológico	Romano
Categoria	Sítio arqueológico
Tipo	Habitat
Classificação/Proteção	Inventariado

Notas

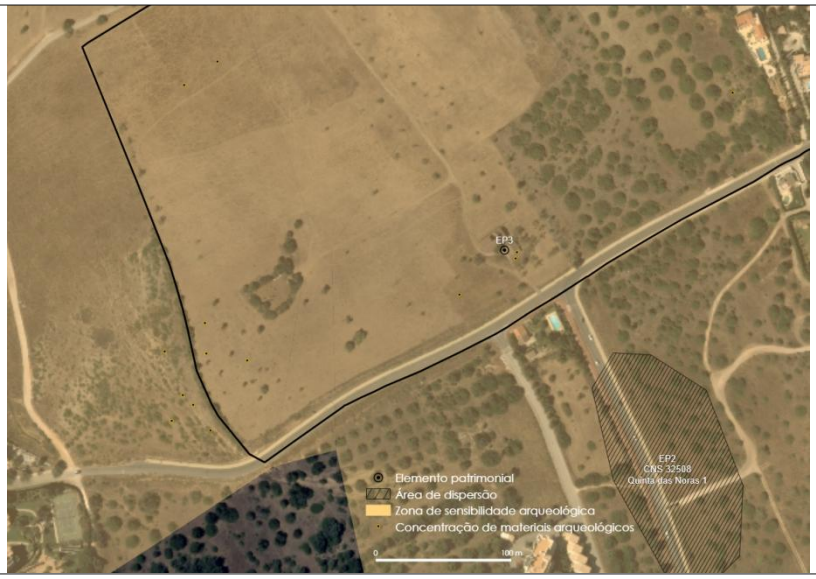
O núcleo central deste sítio arqueológico situa-se a Sul fora da área do UOPG10, mas a mesma é abrangida pela zona de sensibilidade arqueológica determinada pelo PU da Meia Praia e PDM. Esta zona de sensibilidade abrange também o EP3, onde são identificados vários materiais à superfície. No lado Sul da Via V9B, que delimita a UOPG10, são frequentes os fragmentos cerâmicos à superfície, alguns de pastas mais claras que poderão corresponder a cerâmicas romanas, ainda que apresentem significativo grau de desgaste e rolamento

N.º	**EP3**
Designação	Casa na área de sensibilidade do EP2 Quinta das Noras 1 [CNS 32508]
Localização	Odiáxere Lat. 37° 7'33.98"N Long. 8°39'6.84"W
Fonte	Bibliografia / Prospeção
Período Cronológico	Romano, Moderno, Contemporâneo
Categoria	Sítio arqueológico (na área de sensibilidade arqueológica) Edifício e estruturas construídas residencial
Tipo	Casa; mancha de ocupação
Classificação/Proteção	Inventariado

Notas

A zona de sensibilidade arqueológica definida para o sítio arqueológico da Quinta das Noras 1 abrange o EP3, onde são identificados vários materiais à superfície, incluindo dois elementos arquitetónicos em calcário reaproveitados num anexo, cuja cronologia poderá ser medieval ou mesmo anterior. A dispersão de materiais prolonga-se na plataforma para oeste e, ainda que com menos frequência, também para norte, em cota mais baixa e plana. Refira-se a igualmente a proximidade à zona de sensibilidade do EP4 Quinta de Mouratos (CNS 18014).

A casa encontra-se em estado de ruína, apresenta uma construção em taipa, com inclusão de peças cerâmicas no aparelho e é constituída por vários anexos de apoio agrícola.



N.º	**EP4**
Designação	Quinta dos Mouratos (CNS 18014)
Localização	Odiáxere Lat. 37° 7'33.50"N Long. 8°39'25.75"W
Fonte	Bibliografia / Prospeção
Período Cronológico	Idade do Ferro e Romano
Categoria	Sítio arqueológico Edifício e estruturas construídas residencial
Tipo	Diversos
Classificação/Proteção	Inventariado

Notas

O núcleo central deste sítio arqueológico situa-se a Oeste fora da área do UOPG10, mas a mesma é abrangida pela zona de sensibilidade arqueológica determinada pelo PU da Meia Praia e PDM. Esta zona de sensibilidade regista alguns materiais à superfície, ainda que os vestígios mais significativos se encontrem ao longo do talude da estrada (cerâmica), nos terrenos a norte da mesma estrada (muro) e tegula utilizada no aparelho da casa em ruínas.

À semelhança das duas anteriores, esta habitação é construída em taipa.

N.º	**EP5**
Designação	Estrutura de extração de água
Localização	Odiáxere Lat. 37° 7'42.28"N Long. 8°39'14.70"W
Fonte	Bibliografia / Prospeção
Período Cronológico	Romano
Categoria	Edifícios e estruturas construídas de elevação, extração e distribuição
Tipo	Nora
Classificação/Proteção	-

Notas

Esta estrutura encontra-se no limite exterior norte da UOPG10, densamente coberta por vegetação. São ainda visíveis o tanque, alguns paramentos e parte do engenho metálico